

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

RAILENA BARBOSA CAMPELO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOS ANOS
INICIAIS MEDIANTE A PANDEMIA DA COVID-19 COMO PARTE CONSTITUINTE
DO SER PEDAGOGO**

IMPERATRIZ

2022

RAILENA BARBOSA CAMPELO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOS ANOS
INICIAIS MEDIANTE A PANDEMIA DA COVID-19 COMO PARTE CONSTITUINTE
DO SER PEDAGOGO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM, como requisito parcial para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo

IMPERATRIZ

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Campelo, Railena Barbosa.

Memorial de formação : a experiência do Estágio dos Anos Iniciais mediante a pandemia da COVID-19 como parte constituinte do ser pedagogo / Railena Barbosa Campelo. - 2022.

59 f.

Orientador(a): Simone Regina Omizzolo.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

1. Memorial de formação. 2. Pandemia. 3. Pedagogo.
4. Reflexão. I. Omizzolo, Simone Regina. II. Título.

RAILENA BARBOSA CAMPELO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOS ANOS
INICIAIS MEDIANTE A PANDEMIA DA COVID-19 COMO PARTE CONSTITUINTE
DO SER PEDAGOGO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM, como requisito parcial para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Simone Regina Omizzolo – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura – Examinador
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito – Examinadora
Universidade Federal do Maranhão

Dedico esta monografia aos meus pais que em todas as fases da minha vida foram e são o meu porto-seguro, por me guiarem até os dias de hoje de tal forma que não tenho nada do qual precise me arrepender, porque foram eles que me ensinaram que mesmo nas falhas se tira aprendizados e ainda que os dias difíceis assolem sobre mim sempre terei um lugar para retornar.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por ser o meu guia espiritual nas bifurcações da vida e me permitir aprender com cada passo dado ainda que pareça impossível.

A minha família pelo diálogo livre e sem preconceito no seio familiar, além do incentivo em tudo que me prestei a fazer ao longo da estrada, porque sem eles eu não seria nada do que sou hoje.

Ao grupo Jovens Idosos formado no curso de Pedagogia por não só ser um lugar de desabafo, mas também apoio incondicional sobre todos os assuntos cotidianos.

Ao meu grupo musical número um, BTS, que se tornou o acaso mais gratificante de todos os tempos ao me fazer refletir sobre os tantos Eus que existem dentro de mim, sejam eles bonitos ou feios, já que não se pode amar o Outro em plenitude quando em primeiro lugar não nos amamos.

Aos professores por quem passei durante toda a minha formação acadêmica, seja ela básica ou superior, uma vez que tendo tido experiências boas ou ruins, o que vivemos foi o que me formou até o momento.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a minha orientadora Prof.^a Simone por ser junto da UFMA mediadora de conhecimentos que instigam uma investigação minuciosa sobre aquilo que nos rodeia.

RESUMO

A presente monografia tem por finalidade relatar mediante memorial de formação as experiências compreendidas no Estágio dos Anos Iniciais contextualizado pela pandemia da COVID-19 como parte constituinte do ser pedagogo, esta abordagem é ainda enfática em virtude da necessidade de mergulhar dentro de si para apreender o que nos passa e se passa, ou seja, aquilo que afeta ou não nosso desempenho e maneira de pensar de tal modo que influencia na construção da identidade docente. Nesta perspectiva, apresento a importância do memorial de formação para a legitimação do saber, assim como uma breve reflexividade da minha vida por meio da historicidade, não obstante, também é possível refletir sobre as consequências da pandemia na educação e como temáticas rotineiras se resignificaram pelo contexto inserido. Portanto, esta exposição voluntária para o mundo pode auxiliar outros que tenham passado pelas mesmas dificuldades ou não, fazendo assim com que valorizem a narrativa e encontrem seus próprios caminhos, inspirados pela escrita de um outro alguém.

Palavras-chave: Memorial de formação. Pedagogo. Pandemia. Reflexão.

ABSTRACT

The current monograph is to report, through a training memorial, the experiences included in the Internship of the Primary Education contextualized by the COVID-19 pandemic as a constituent part of being an educator, this approach is still emphatic due to the need to dive within oneself to apprehend the what happens to us and what happens, in other words, what affects or does not affect our performance and way of thinking in such a way that it influences the construction of the teaching identity. In this perspective, I present the importance of the training memorial for the legitimization of knowledge, as well as a brief reflection of my life through historicity, however, it is also possible to reflect on the consequences of the pandemic on education and how routine themes have been re-signified by the inserted context. Therefore, this voluntary exposure to the world can help others who have gone through the same difficulties or not, thus making them value the narrative and find their own ways, inspired by someone else's writing.

Keywords: Training memorial. Educator. Pandemic. Reflection.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCSST/UFMA	Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão
COVID-19	Doença por coronavírus de 2019
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPI	Equipamento de Proteção Individual
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SISU	Sistema de Seleção Unificada
Webinário	Seminário <i>online</i> .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A IMPORTÂNCIA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DO SER PEDAGOGO	11
3	INTROSPECÇÕES DE UMA (PRÉ)PEDAGOGA EM ALTO-MAR	15
3.1	A primeira opção que não era a primeira opção	21
4	AS CONSEQUÊNCIAS PANDÊMICAS NA EDUCAÇÃO – DO OUTRO PARA O EU	26
4.1	A internet na educação: não mais uma escolha, obrigatoriedade	26
4.2	A conversão do estágio obrigatório em outras modalidades: um ajuste necessário	30
5	A APRENDIZAGEM DOS WEBINÁRIOS NO CONTEXTO PANDÊMICO	33
5.1	O acesso à Pós-Graduação e seus impactos na formação/prática profissional	33
5.2	A pedagogia hospitalar: o lúdico como dispositivo na reabilitação de crianças hospitalizadas	36
5.3	Educação estatística, probabilidade e suas implicações no contexto atual	41
5.4	Paulo Freire e a educação brasileira: contexto histórico, epistemológico e sociais	45
5.5	A escrita de artigos científicos e sua publicação em periódicos especializados	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Antes de qualquer apresentação peço encarecidamente que entenda que ao decorrer desta monografia a linguagem fluirá entre a primeira e terceira pessoa do singular e do plural, respectivamente, isso visa intercalar momentos profundamente enraizados no meu ser e experiências pautadas em estudos, sejam eles biográficos, através de autores e documentos ou de vida por meio da memória que colaboraram e colaboram para a construção do meu ser pedagoga, sendo assim dou continuidade a sua relevância.

Narrar a própria história não é fácil, menos ainda a expor publicamente, contudo é um ajuste que nos permite trabalhar a criticidade no seu sentido mais amplo e o memorial de formação serve bem a finalidade, porque quem escreve tem a oportunidade de entender a si mesmo, reconhecer problemas e atitudes que de outra forma dificilmente seria possível, é apertar a mão do reflexo no espelho sem vergonha do que se passou, porque cada um carrega uma bagagem e fardo ao longo da vida, tal como para quem ler se inunda e se deleita em uma experiência que não é sua, mas pode se assemelhar.

Se não bastasse o ato de escrever sobre si, o contexto ao qual nos engloba até o presente momento, o de uma doença avassaladora como a doença por coronavírus de 2019 (COVID-19) que levava a vida de milhões de pessoas pelo mundo, ainda corrobora para que a introspecção ocorra mesmo que de maneira não convencional, pois nos provoca mudanças de comportamento para encontrar uma rota que dê certo para o caminho a que se quer seguir, seja ela em casa ou no local de trabalho, fazendo assim com que a perspectiva sofra uma distorção do que normalmente se vê, provocando uma emergência crescente em nós como uma sociedade.

Mesmo assuntos ditos saturados podem ser ressignificados trazendo à tona aquilo que dado momento na nossa historicidade não pôde ser identificado, é incorporar novas experiências para debater um assunto que já bateram o martelo como acabado. Os Seminários *online* (Webinários) ministrados durante a pandemia como forma de conversão do estágio supervisionado nos anos iniciais em 2020, uma vez que a presença em escolas era impossível, seguem para mim esta perspectiva.

Deste modo, a monografia que se sucede tem por intuito relatar mediante o memorial de formação as experiências apreendidas durante o Estágio dos Anos Iniciais, inserida no contexto da pandemia da COVID-19 como parte constituinte do ser pedagogo, para tanto faço uso dos capítulos subsequentes para vos apresentar o resultado da minha reflexão e portanto, ressignificação dado o momento histórico que desestabilizou todo e qualquer indivíduo por ela afetado.

No primeiro capítulo discuto a importância do memorial de formação para a construção do ser pedagogo, em como este gênero textual oferece um caminho para o crescimento profissional, mas acima de tudo como indivíduo participe da sociedade em que se vive.

No segundo capítulo apresento o meu percurso de vida desde as memórias mais marcantes dentro de casa e na escola, perpassando traumas que possuem resquícios ainda nos dias atuais até o meu encontro com a Pedagogia, relacionando passado com presente.

No terceiro capítulo reflito sobre as consequências pandêmicas na educação em como a tecnologia, muitas vezes vista como acessório, se tornou palco da continuidade do ensino nas suas mais diversas extensões, assim como os ajustes que foram necessários para contornar a impossibilidade de efetuar os estágios.

No quarto capítulo narro a metamorfose que assuntos recorrentes sofrem pela incorporação do contexto pandêmico, relacionando aprendizado com experiências vividas que integram indivíduo e sociedade, estes se concentram nas exposições temáticas abordadas durante os Webinários e que me fez refletir e ressignificar para não só usufruir no aspecto profissional como também pessoal.

Por fim, exprimo o meu contínuo aprendizado, nas considerações finais, a respeito deste trajeto que é o autoconhecimento na busca da construção da identidade com o encerramento da mesma apenas quando nossa mente não integra mais esta vida.

2 A IMPORTÂNCIA DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DO SER PEDAGOGO

Hoje sei muito bem que nada na vida repugna tanto ao homem do que seguir pelo caminho que o conduz a si mesmo!
(Demian, Hermann Hesse).

Não é fácil olhar para nós mesmos, porque isso quer dizer encarar o que há de bom e ruim e é principalmente o que há de ruim que nos impede de trilhar esse caminho de cabeça erguida, são medos, receios, julgamentos e incertezas que nos cercam. Mas tenho posto a mão na consciência para entender que todas as experiências que tive/tenho, sendo boas ou ruins foram/são necessárias para formar quem sou hoje/amanhã, embora não possa mudar o passado (e ainda que não enxergue tão bem a beleza de não poder mudá-lo, que sorte não poder fazê-lo), posso usufruir do autoconhecimento para levar meus tantos Eus para uma velha ou nova jornada.

Desde os primórdios da civilização humana, a comunicação se fez necessária para o convívio fosse consigo, com os outros ou com o mundo e à medida que os povos foram evoluindo as formas de se comunicar acompanharam seu desenvolvimento, de grunhidos a desenhos para finalmente a fala e a escrita, a maneira de se expressar e pertencer a um meio exigiu do homem que não só replicasse, mas que questionasse tudo a sua volta. Pensar sobre o ato de pensar não é recente, entretanto ainda constitui a maior dificuldade humana, principalmente se houver a necessidade de ser passada para o papel.

Nos dias presentes somos incentivados por todos os lados a sermos proativos, compreensivos e críticos (nem sempre com o estímulo adequado para tal). A família, a escola ou o mercado de trabalho, de uma maneira geral, exigem que sejamos seres pensantes, ou seja, que não estejamos limitados à alfabetização da língua materna, a atualidade não se conforma com um ser que se esgota, ela nos embebeda com suas informações diárias e provoca uma análise do que vivemos.

Mas o significado do que nos rodeia está intrinsecamente ligado ao valor que damos as experiências, por isso nada mais justo que uma reflexão sobre si mesmo para entender o que nos sucede. A experiência, aliás, é distinta para cada um dos sujeitos justamente por esse desencadeamento, de acordo com Bondía (2002), a experiência é aquilo que nos passa, não o que se passa, ou seja, existe uma

diferença entre ver acontecer e se permitir ser penetrado pela experiência e quando pode parecer fácil a compreensão do porquê elas formam os indivíduos que somos, ela também se complica por ser cada vez mais difícil de ser encontrada – ela é rara pela informação e opinião excessiva, pela falta de tempo e excesso de trabalho –, mas quando se é atingido pelo que nos passa, ela se apodera, forma e transforma como a paixão que nos afeta e domina.

No percurso de qualquer educador, os saberes da escrita e leitura são mais do que necessários para o seu desenvolvimento, pois delas partem o desvelar de conhecimentos, aprendizagens e expressões de si e do outro, não apenas para seguir adiante como o tradicionalismo que prega o acúmulo de informação, mas para nos tornarmos autores das mais extensas narrativas, assim nos permitindo ser integradores do mundo que exala significância, nos conectando.

Para Mendes (2011), uma grande defensora dos registros de modo geral, mas com uma dose extra para o escrito, a importância do memorial de formação se dá pela reflexividade que este ato desempenha no fazer pedagógico, na interação da partilha relacionando o eu com o outro.

O ato de escrever, nesse percurso reflexivo, também é um processo árduo. Inscrever-se nas linhas do papel representa um desafio maior ainda; não são muitos os que se arriscam por esses caminhos. Construir sua própria história, refletir por escrito sobre as ações cotidianas, revelar medos, entre tantos outros sentimentos, pode constituir a possibilidade de se assumir a palavra reflexivamente, condição essencial ao professor pesquisador. (MENDES, 2011, p. 3961).

Não obstante, para além de ler e escrever se é necessário um terceiro elemento que associado aos dois primeiros cria a conjectura da expressão, a arte que perpassa o tempo: a memória. Daí o nome desse conceito tão promissor – memorial de formação, como a narrativa a partir das memórias para a reflexão da prática profissional. E novamente Mendes (2011, p. 3960) nos sugere que “somos constituídos pelo que lembramos, mas também pelo que esquecemos”, o fato de nossa mente não nos trazer a lembrança de uma vivência não significa que não esteja gravada e memorizada em nossa alma, quantas vezes, por exemplo, não nos deixamos ser afetados por determinadas coisas sem saber o real motivo?

Tenho experiências de vida que carrego comigo de modo inconsciente, reajo a situações parecidas sempre da mesma forma, mas que não sei de onde exatamente se originou o problema, entretanto, sempre fica a sensação de ter vivido algo semelhante na infância. Se livrar de vícios que muitas vezes não entendemos

sua origem é o processo mais difícil, inclusive quando eles prejudicam a harmonização do próprio ser docente, todavia em nada significa que não possamos ressignificá-los a partir do que sabemos.

São tantas as informações e exigências em uma sociedade de constantes mudanças com apropriação e rejeição igualmente acentuadas que fica vago saber quando, como ou onde buscar reflexão dos acontecimentos de nossas vidas, exatamente como dito anteriormente, mas refletir sob nenhuma circunstância é fácil.

A este ponto, naturalmente me vem à memória um de meus tantos textos escritos durante minha jornada na Universidade, intitulado como “Eu sou o tudo, eu sou o nada”, entretanto, me limitarei a entregar uma breve passagem que se encontra na finalização: Eu não existia, projetei em mim algo que nunca fui, porque buscava uma perfeição que jamais seria parte de mim e ver que eu era fragmentada e que cada fragmento era dor e alegria, tristeza e ânimo, bem e mal, me deixava cabisbaixa. A verdade é que todos nós escondemos um Eu por medo do que irão nos dizer como se houvesse um manual de instrução que nos dissesse o que fazer.

O memorial de formação não serve nesta situação, senão para mediar o que deve ser analisado, pois é através da própria escrita que se percebe o que deve ser refletido segundo as experiências do cotidiano e através da socialização do mesmo que surgem questionamentos que somente seriam possíveis por meio da coletividade. Passeggi (2011), por conseguinte, nos evoca três questões norteadoras que servem como mediadoras biográficas para esta reflexão: quais experiências causaram forte impressão sobre minha vida intelectual e profissional? O que elas fizeram para mim? O que fazer com o que me afetou?

É o que significa reconhecer e legitimar a escrita como autor da própria história. Para tanto, “é essencial ao educador reconhecer o valor daquilo que faz e, acima de tudo, registrar esses feitos por escrito”. (MENDES, 2011, p. 3961).

Quando o ato de registrar e discutir as experiências estão presentes no docente seja em qualquer momento da sua formação (inicial, continuada e até pessoal) ele contribui para a descoberta de novos caminhos e práticas pedagógicas que associados com a teoria podem ser potencializados, abrindo horizontes jamais vistos ou pouco explorados, tanto para quem escreve, como para quem faz parte do processo.

Assim que nos fora concebido a informação de que os relatórios para obtenção parcial de nota para conclusão do estágio era nada mais, nada menos que em formato de memorial de formação, me questionei em como isso me ajudaria – um gênero textual que até então via como uma espécie de diário aberto ao público – e não era fácil de engolir, porque nunca havia tido facilidade para escancarar minha vida para que outros lessem, para que sentissem a minha insegurança.

Hoje, vejo o estágio em consonância com o memorial como caminho necessário para (des) construirmos nosso perfil profissional, aprimorando técnicas e metodologias, mas acima de tudo percebo que não aprendemos só com os professores e colegas de guerra com quem dividimos nossas angústias, mas primordialmente com aqueles que temos a missão de ensinar, primeiro porque deles partem as experiências, segundo porque ao contrário do adulto que logo se esgota, as crianças (a exemplo das com quem tive o prazer de ter contato na educação infantil) sempre estão de prontidão para ajudar.

Não é uma questão de expor os defeitos ou medos para que outros nos julguem, quando há a exposição dos nossos temores, das experiências vividas e da vontade de se movimentar para além do mesmo lugar em que nos encontramos, nos surpreendemos com a quantidade de pessoas que irão ler e dizer ‘meu Deus, é exatamente o que passei e o que senti’ ou mesmo que não se enxergue em nossa história compreender que todo ser tem a capacidade de melhorar e quebrar suas próprias barreiras. É fazer exercer a nossa empatia.

Não mais importante, gostaria de dizer que graças ‘ao que me passa’ com os memoriais de formação já desconheço a forma de se fazer um relatório sem que eu introduza minha perspectiva e a forma como fui afetada por ela, pensando que tudo o que sou hoje é proveniente de uma gama de acontecimentos conscientes, subconscientes e inconscientes. Por isso mesmo, é importante entender que quando se é docente, o saber e fazer docente não começa na graduação, muito menos no local de trabalho. Ele se recapitula desde os primeiros ensinamentos da vida, seja no ambiente familiar ou escolar; e é toda essa construção que nos torna o ser do presente e que se encerra apenas com o nosso último suspiro.

Sendo assim, lhes apresento minha trajetória enquanto sujeito em permanente formação como a criança que um dia fui e a mulher que ainda está em processo de amadurecimento.

3 INTROSPECÇÕES DE UMA (PRÉ) PEDAGOGA EM ALTO-MAR

Quando falamos em refletir sobre nossas práticas é necessário antes de tudo uma introspecção de quem fomos para entendermos como isso tem influência sobre o presente, porque gostemos ou não, somos a somatória de acontecimentos passados acrescidos do impacto que atribuímos a cada fragmento de lembrança que se crava em nossa pele. A educação dentro de casa, a educação da rua e a educação no ambiente escolar são todas determinantes para formarmos e reestruturarmos o nosso ser individual e trilharmos um caminho que acreditamos ser o certo ou ao menos o menos errado.

O ciclo da vida não é justificar o comportamento de hoje baseado em memórias que muitas vezes sequer são vívidas, mas conhecer a si mesmo como um indivíduo partícipe de uma sociedade que está em constante mudança e por assim dizer, a história pessoal não está limitada ao passado e que sempre estamos passíveis de sermos avaliados por nós mesmos.

Minha trajetória familiar e educacional tanto teve semelhanças como discrepâncias, e ousou dizer que fui abençoada com pais que me guiaram em um caminho de liberdade corporal e de expressão que nenhum lugar do universo me traria mais segurança e paz senão nos braços destas duas pessoas que considero as mais importantes da minha vida.

Meu próprio nome surge da representação de tudo o que eles criaram e queriam continuar a cultivar em suas vidas: Railena, por assim dizer um nome incomum que quem desconhece não entende o alvoroço, mas meu nome, assim como o nome do meu irmão mais novo fora uma união dos nomes de meus pais RAlmundo e HeLENA e no caso do meu irmão, RAlmundo e HELEna (Raihel). Era o sentido da vida ao qual eles sempre estariam ligados e que com paciência e pela graça de Deus permanecem unidos em suas jornadas conjuntas.

Voltando-se agora para o meu desenvolvimento como pessoa, cresci em uma casa em que meu pai era o mais sério e intitulado como “o certinho” pelo seu modo de enxergar o mundo e agir diante dele, não que isso tenha significado ser conservador, longe disso, mas ele empoderava o respeito, a dedicação e o seguimento das leis como caminho a seguir, assim nunca haveria de precisar temer ou abaixar a cabeça frente a qualquer situação e minha mãe era a personificação

das diversões e descontrações, porém se ser sério não impedia meu pai de dar amor e ter seus momentos com os filhos, ser mais livre não era o principal de minha mãe, nem mesmo sinônimo de libertinagem, ela exigia e retorcia o rosto para tudo o que, nós filhos, fazíamos e era tido como errado.

Sendo a única mulher dentre quatro filhos, posso dizer que tive meus momentos de ser paporicada, mas as correções eram de igual, os ensinamentos não diferiam e desde que me recordo como gente, eles eram sempre baseados pelo diálogo, mesmo as “punições” eram conversadas, explicadas e em casos mais graves, retirado aquilo que mais gostávamos.

Não me recordo de haver uma situação em que fiquei de castigo sem saber o motivo ou porque minha atitude deveria ser repensada e talvez por minha educação em casa sempre ter sido fundamentada no diálogo quer fosse o motivo, porque éramos livres para tirarmos dúvidas por mais embaraçosas que pudessem ser com nossos pais, que minha simpatia pelas palavras como representação dos meus sentimentos interiores foram aflorados.

Ser criança e ser ouvida é uma das regras mais importantes, porque ela se sente amada e viva, ela percebe que mesmo não sendo uma adulta, ainda tem seu espaço no entorno daquela gente grande. Ela não precisa crescer para ser alguém, ela já é desde o momento em que a olhamos nos olhos e ouvimos sua história.

Quando estagiei na educação infantil, senti bem o peso que era entender essa necessidade. Levamos para a sala de aula, mesmo que intrinsecamente, as experiências de vida e como éramos tratados e se lembrássemos do sentimento de ser ouvido atentamente pelos adultos ou a falta dessa comunicação não teria dúvidas sobre o quão pedagógico e humano é essa relação. Não é à toa que o vínculo professor-aluno na educação infantil é tão forte, de tal maneira que se toma como verdade absoluta aquele ser que parece saber tudo, porque quando construído com o diálogo verbal e visual a confiança atinge seu nível mais alto.

Para mim, não era uma questão de aflorar o aprendizado da criança, era antes de tudo assumir que ela tem seu lugar de direito e que suas necessidades requerem mais atenção pela forma como elas expressam e veem o mundo. Elas entendem muito mais do que as permitimos. E disso eu tinha certeza, por mais que ainda me sinta surpresa por ver a esperteza delas, porque eu quando criança sempre fazia muitas perguntas, sobre tudo e sempre tinha minhas questões

saciadas, não com o teor ludibrioso que os adultos se veem na obrigação de contar por não saberem como abordar determinados assuntos, mas com o cuidado pertinente a faixa etária em que me encontrava.

Meu pai por ser professor me orientava didaticamente, fosse por suas falas ou com vídeos sobre “de onde vem os bebês” que por ocasião o questionei aos oito anos de idade, me recordo também que minha mãe me comprara ainda criança aquelas edições de livros ilustrados sobre o corpo das meninas e dos meninos que mostrava a diferença dos órgãos genitais, os nomes, os cuidados e a importância de não permitir que outros os tocassem.

Como disse, nunca tive problemas em como tirar minhas dúvidas, a minha casa era o meu porto-seguro e cresci tendo isso como a normalidade, mas sabemos que esta não é a realidade de muitas crianças. Os pais deixam para a escola ou tiram da incumbência dela, mas não os abordam adequadamente, privam as crianças de saciarem suas dúvidas e garantem que haja a repressão de certos pensamentos por serem vistos como errados, o adulto se esquece que um dia fora criança e também desejara que alguém os dissesse sobre aquilo que viam e não entendiam e dizer “isso não é coisa para criança ver ou falar” nunca será a solução.

Posteriormente, ressaltarei com mais propriedade do por que deste breve momento da minha vida ser importante, mas deixe-me dar continuidade ao fato de meu pai ser professor.

Filha de um professor de matemática, que dera em momentos de sua vida mais disciplinas que sua habilitação lhe concedia, cresci com os olhos na conduta de meu pai, vendo o esforço, dedicação, compromisso e acima de tudo, enxergando um lado da moeda que ninguém além dele mesmo via. É fácil julgar um professor quando não se conhece a realidade dele, é justo cobrar o que é de dever dele, mas ninguém ver o trabalho nos bastidores, seja os colegas de trabalho, seja os pais e alunos. E foi vendo toda a falta de reconhecimento fazendo tanto que tive ainda criança minhas primeiras certezas: não iria querer ser professora.

Era irônico, ou não, mas até então eu somente tinha a visão dos bastidores e ela não era bonita e agradável e parecia menos quando saí de filha de um professor para aluna de vários professores. Sabe aquela expressão de que não importa quem ou a idade, mas quando se está na posição de aluno se é aluno independente do quê? Pois bem, eu esquecia que tinha um exemplo em casa e como muitas

crianças, gostava de conversar, mas sempre me dedicando aos estudos, obtendo boas notas e mantendo a tranquilidade de saber estar fazendo a coisa certa.

Minhas tantas lembranças da escola, principalmente no Ensino Fundamental, estão marcadas por acidentes que me causaram danos por muito tempo, irreversíveis. Se na minha casa eu tinha a liberdade para agir e perguntar, tendo assim a confiança nos adultos, a escola não beirava esta perspectiva, andava melhor dizendo em alguns aspectos, bem longe do ideal. Como eu era livre para questionar, tive problemas com professores que à época eram tradicionais, portanto a autoridade nutria-se o modelo de aluno obediente e calado como a verdade absoluta que se seguia. Graças a isso, me fechei parcialmente ao que poderia ser a possibilidade de me expressar com mais clareza dentro da sala de aula, porque tinha medo de ser destrutada na frente dos demais colegas como naquela vez, na quarta série do Ensino Fundamental, por tentar corrigir um erro matemático sinalizado no quadro.

Só entendi que a minha aversão a professores que se comportavam com semelhança e assim como minhas atitudes diante deles de não medir palavras era um mecanismo de defesa, culminado pelo ocorrido na quarta série, quando estava por volta do Ensino Médio. Acredito que a maturidade trouxe reflexões que a raiva não deixava passar, mas confesso que ainda hoje é difícil não me sentir abalada quando encontro independente do nível de ensino professores que me trazem lembranças de um comportamento autoritário e de um poder unilateral.

Como se não bastasse ser marcada negativamente em um ambiente que deveria ser acolhedor e passar a segurança de ser um local de aprendizado não somente curricular, mas social e de mundo, tive durante toda a minha infância um problema que percorria tanto a escola como a sociedade: o julgamento por preferir as brincadeiras “destinadas” aos meninos, ainda que nunca tivesse tido essa represália dentro do seio familiar, pelo contrário, sempre fui livre para ser e fazer o que eu gostava.

Sobre os episódios que ocorriam essa discriminação partiam, em suma, dos próprios adultos que viam preconceitos e malícias por conta própria, como se brincadeiras fossem ferramentas para determinar e validar a sexualidade de uma criança.

Hoje, entendo e isso não significa que aceito, o porquê daquelas pessoas agirem como agiam, devido a ignorância, o senso comum e acima de tudo, a forma como haviam sido criadas, elas frustraram e poderiam ter arruinado a vida de uma criança que era muito bem instruída dentro de casa, mas ainda não entendo, ou talvez seja melhor dizer que não admito como desculpa, como um educador, alguém que deveria estar suficientemente instruído moralmente e pedagogicamente poderia discriminar uma criança diante de tantas outras por seus preceitos errôneos e indevidos, o que vem ao caso ter me ocorrido.

Julgar, inclusive, a sexualidade de uma criança tanto pelas companhias como pelas brincadeiras, mesmo diante a permissão dos pais, soa um tanto quanto a atitude de alguém amador, ignorante, sem qualquer fundamentação, no caso, pedagógica para lidar com liberdade de pensamentos e obviamente fluidez da infância. Em meio a minha retrospectiva, esta sem sombra de dúvidas é uma profissional da qual jamais quero me tornar, porque embora eu não tenha cedido às provocações negativas de todas as vezes que ouvi “você é menina deve brincar com as meninas”, “menina não deve brincar de bola”, muitas crianças não têm a força e às vezes nem mesmo o apoio de que precisam para não sucumbir a comentários maldosos de quem lhes deveria fazer crescer se reconhecendo como indivíduo participante de uma sociedade, mas que possui particularidades. Ações negativas ficam tão marcadas em nossas vidas que mesmo as superando ficam incrustadas em nosso ser e podem impactar em quem estamos nos formando.

A angústia que sinto ao lembrar não é, de fato, por mim, mas por aquela pessoa que se achava educadora e mesmo diante de tantas investidas de que eu poderia brincar com quem eu quisesse e do que eu quisesse que não iria definir de quem eu gostaria ou o que eu seria, até porque isso não cabia a ela, não buscou refletir sobre o motivo que a levava crer naquilo ou porque insistia em dizer todas aquelas coisas, dia após dia e ano após ano a tantas alunas que “fugiam” ao padrão estabelecido pela sociedade, matando-as aos poucos para se tornarem aquilo que as forçariam crer ser o certo, porque eu via, não era a primeira e não seria a última, como não fui.

Experiências como essas ficam tão incrustadas em nosso ser que dói mesmo após anos, porque nenhuma criança deveria se preocupar em escolher uma bola ou uma boneca por conta do gênero dela, crianças não estão preocupadas, se os

adultos assim não os fizeram em relacionar o gênero aos brinquedos e brincadeiras, porque isso é uma deturpação vinda dos adultos. Eles só querem brincar e se divertir, sozinhos ou em coletividade.

Por minha própria experiência nunca disse para minhas sobrinhas ou as crianças com quem interagi na vida e no estágio que os brinquedos estavam condicionados as meninas e meninos, muito pelo contrário, as instigava a pensar do porquê um menino não poderia brincar de boneca, por exemplo, como ocorreu em um dia de trazer um brinquedo para a escola.

“Ele é menino, não pode brincar de boneca”.

“Não pode só porque ele é menino? Ele quer brincar com vocês e vocês estão brincando de boneca, qual o problema? Vocês não brincam no escorrega juntos?”

Quando confrontamos as crianças sobre algo do qual elas acreditam ser o certo, porque assim foram condicionadas, elas são forçadas a pensar nas possibilidades e em uma justificativa para a questão e neste caso, quando ela percebeu que eu não estaria satisfeita com a resposta de ele ser menino, ela mudou seu repertório e explicou que havia duas bonecas e elas na ocasião pertenciam a ela e a amiga que estavam brincando em conjunto. Relembrando sobre este momento me pergunto se minha abordagem fora a melhor e honestamente ainda não sei, mas não me arrependo, porque embora existam pais que são a favor e contra a “interferência” da escola nestas questões é um ponto que devemos ensinar as crianças que não existe apenas uma verdade e um só meio.

Isso me fez aplicar com mais segurança nas minhas próprias sobrinhas, por acreditar ser indispensável o tema de que elas podem brincar do que elas quiserem, não importa se é menina ou menino, se é bola ou boneca, o importante é o quão divertido será brincar daquilo – aliás, as instigo a ter contato com todo tipo de brinquedo ou brincadeira da faixa etária delas e que lhes possa ofertar.

Gostando ou não, essas cicatrizes estão pelo meu corpo, elas são partes constituintes do que eu sou e não podem ser invalidadas, entretanto, não significa que não possam ser aceitas e reavaliadas sem as desprezar, o que não pode ser mudado é o passado, todavia cabe a cada um ter o futuro previsível ou alterado. Mergulhar em si mesmo não é fácil, nunca será por maior que seja a intimidade consigo mesmo, porque em nós existe um mundo do qual desconhecemos e o desconhecido provoca algo inerente ao ser humano, o medo. Mas, até diante o

medo temos a escolha de darmos um passo, seja ele para trás ou para frente ou ainda permanecermos onde estamos.

Sei também que tive vários caminhos que poderia ter trilhado e que diante de todas as situações da minha vida, tendo sido escolhas muito bem conscientes ou não, me trouxeram para onde estou e aprendo continuamente com as experiências e consequências de minhas escolhas. Sou consciente de que a prática exige muito mais cuidado do que a teoria porque diversos fatores que, às vezes, não podemos calcular e prever interferem em nossos planos, sei que nossas atitudes e pensamentos podem ser divergentes pelas experiências de vida que se traz na bagagem de mundo e emocional, mas acima de tudo, independente dos erros ou acertos podemos e devemos refletir sobre nossas práticas, melhorá-las, aprimorá-las, amenizá-las e abster-se delas quando se fizer necessária, afinal de contas a prática se faz com a prática.

E chegar até aqui, narrando e interligando passado e presente mesmo que as palavras sempre tenham sido minhas eternas companheiras pelos longos anos escrevendo em maioria para mim mesma, não é simples e não é cristalino, ainda me é mais natural criar personagens fictícios para minhas inúmeras histórias a narrar a minha própria, porque para os outros é lê-la, para mim é reviver lembranças que muitas vezes pensei que não deveriam ter existido e é vagarosamente aceitar que o Eu que todos veem é uma formação de tantos Eus que ninguém faz ideia do que foi preciso viver para eles se manifestarem.

Agora que, como a camada de uma cebola, uma página da minha história fora desbloqueada dar-se-á para virar a folha para a próxima seção: como a pedagogia adentrou minha vida se nunca quis ser professora e por que é possível que todos que queiram tenham acesso a este material?

3.1 A primeira opção que não era a primeira opção

Pedagogia nunca foi minha primeira opção, mesmo quando assim a coloquei, não era nela que eu estava pensando, mas antes de tudo, quero iniciar minha história acadêmica no Ensino Superior literalmente pelo início, quando ao sair do Ensino Médio passei no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para Ciência da Computação e fui tentar a sorte como minha primeira tentativa.

A experiência de estar um nível a mais nos estudos não fora realmente tão diferente do que eu já estava acostumada, na verdade, muito se assemelhava ao ensino básico e até o fato de estar cercada por alunos da modalidade regular, já que cursávamos concomitantemente, passava a energia de uma extensão do ensino e não o salto enorme no degrau que acreditei que possuiria. Talvez por ser recém-saída do Ensino Médio minhas memórias comparativas ainda estavam muito frescas e causara certo alívio, embora existisse uma certa heterogeneidade em relação a faixa etária na turma que retirava a regularidade do ensino anterior.

Cursar três semestres, assim como viajar na coletividade para congressos me deu a chance de entender como tudo funcionava, do que eu podia fazer e do que estava longe do meu alcance. Por vários fatores, dos quais não cabem realmente citá-los aqui, não fora possível a permanência no curso, mas nunca encarei como perda de tempo, afinal fora lá que descobrira muito de mim como indivíduo. O importante não é se deixamos de fazer algo, mas o que fazemos com aquilo que paramos de fazer, no quanto nos impacta e envolve nossas cabeças.

Fora nisso que me concentrei nos anos seguintes para esfriar a cabeça e pensar no que eu gostaria de fazer.

Exatas ou humanas, nunca fora realmente um problema para mim, eu amava matemática, mas me dava bem em outras disciplinas, até mesmo os testes vocacionais davam basicamente meio a meio para ambos os lados, então cabia somente a mim, escolher o que eu queria, mas eu não sabia. Passei quase dois anos nisso e mesmo na hora de escolher as duas opções para mais um Sistema de Seleção Unificada (SISU) eu não tinha certeza, mas estava decidida a tentar um novo curso, Ciências Contábeis, mas eis um problema, o curso só começaria no meio do ano e não queria passar mais seis meses sem “fazer nada”.

Assim surgiu a ideia de colocar Pedagogia como primeira opção.

Por ironia do destino ou um teste de tudo o que tanto neguei a vida inteira achei que não haveria nenhuma conturbação em optar pelo curso, afinal eu cursaria por seis meses e se em nada me agradasse, a segunda opção que era a primeira estava garantida no meio do ano. O engraçado era que embutido no meu pensamento já existia a possibilidade de eu gostar do curso e desejar continuar nele, o que acabara por se tornar realidade.

O curso que não estava na minha mente passava a me cativar e os pensamentos da infância ainda se manifestavam, desde o início eu pensava “a profissão não me limitará a sala de aula, se não tenho afinidade, posso exercer a função burocrática, administrativa e nem mesmo preciso me prender a escola, existe uma gama de locais aos quais posso desempenhar minhas funções”. Minhas pesquisas sobre o curso culminaram em um encorajamento de que a sala de aula não era o único lugar para onde eu poderia ir e isso fora me moldando ao longo dos anos.

E se antes eu dizia que a responsável por me fazer continuar no curso havia sido a disciplina de Psicologia da Educação, hoje vejo que apenas melhoro esta perspectiva da disciplina.

Estudando sobre condicionamento, reforços positivos e negativos, mecanismos de defesa, assim como o processo de desenvolvimento pelo qual boa parte das crianças passa fundamentado nas ideias de Freud sobre a sexualidade, a Pedagogia me enlaçou sem chances de me debater. Eu já estava em uma fase intrinsecamente ligada ao interior, a explorar minhas próprias capacidades e de entender meus próprios pensamentos, então conciliar a Railena indivíduo com a Railena aluna fora provavelmente uma questão de tempo perfeito.

Fosse o acaso ou o destino, a psicologia da educação fora a ligação inseparável que me guiara para o caminho que se sucede até hoje, porque entendo que, no dia de amanhã posso nunca exercer minha função como pedagoga profissionalmente falando, mas o leque de conhecimento que o curso me proporcionou me trouxe mais sentido para a minha vida pessoal e isso, nada, nem mesmo o tempo poderá mudar.

Por várias e várias vezes comentei com meus amigos que todos deveriam passar por um ensino básico da Pedagogia, principalmente aqueles que têm filhos ou lidam diariamente com crianças, porque a importância que o curso tem de colocar esse ser no centro como ser humano tão essencial quanto qualquer adulto é uma explosão de preconceitos que enraizamos aos longos dos anos.

Estes, inclusive, foram por muito tempo as razões pelas quais escolhi um tema inicial tão controverso para a minha monografia, acrescido obviamente da existência de minhas sobrinhas que eram pequenas e se encontravam na faixa etária discutida. À época, me lembro bem de que queria falar sobre a sexualidade

infantil na educação infantil, porque haviam poucas pesquisas sobre o assunto, assim como relatos de professores que explicitavam suas dificuldades com as descobertas sexuais das crianças.

Daí a importância de esclarecer no início do capítulo sobre a facilidade com que eu tinha de tratar todos os assuntos com os meus pais, porque embora eu não me recorde da primeira infância, tendo as minhas sobrinhas eu gostaria que elas tivessem o mesmo crescimento esclarecedor, validados ainda mais pela contribuição da Pedagogia na minha vida, pois agora eu só não tenho o conhecimento, como tenho como provar a veracidade das minhas discussões.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) por meio do Ministério da Educação (MEC), já demonstrava há muitos anos esta preocupação levantada:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, é entendida como algo inerente, que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, dado que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. (BRASIL, 1998, p.17).

Eu orientava, por exemplo, o meu irmão sobre a descoberta do corpo da minha sobrinha por ela, da importância de não inibir, repreender ou gritar, mas conversar e mudar o foco, se fosse o caso, pois era de fato um processo natural do qual não só ela passava, mas várias outras crianças. Era nesse tipo de situação que eu entendia o quanto a Pedagogia transformava o nosso olhar sobre o mundo, sobre a criança e sobre nós mesmos e por isso vejo o quão libertador seria se pais ou responsáveis passassem por um curso básico de Pedagogia como algo do tipo: o prelúdio de uma criação “saudável” para uma criança – o diálogo, o respeito e a integridade de que pequeno sim, incapaz, não.

A chave está na capacidade de entender que independentemente da idade, todos temos anseios e um desenvolvimento que deve ser compreendido por só se estagnar quando morremos.

A grande questão que fica então é: por que depois de tantos anos tendo o mesmo pensamento e enxergando a importância de abordar o assunto, repentinamente mudei o tema ao qual queria abordar na minha monografia?

Talvez a resposta seja mais simples para mim do que para qualquer um que leia ela, afinal, eu sei pelo que eu passei e como o que passei me afetou. Tendo em vista que a graduação inteira me foi estimulada a prática da escrita e no meu pessoal já ser bastante intrínseca a familiaridade da exposição dos meus sentimentos, aliada a abrupta situação vivida no mundo proveniente de uma pandemia quis mergulhar em uma nova jornada que pode não ser interessante para muitos, mas me afetara profundamente: a capacidade de se reestruturar diante a adversidade.

Pensando bem, ninguém pode dizer que a pandemia alastrada principalmente no ano de 2020 não tenha nos obrigado a repensar seja qual for o âmbito em que se viva ou trabalhe e para o pedagogo, ainda mais àquele que sequer iniciara seu exercício em prática não tenha sido afetado e exigido de sua postura uma reavaliação de sua capacidade.

Para mim, sem tirar a tragédia que a doença ainda nos dias de hoje nos assola, fora a oportunidade de somar à minha identidade como futura docente.

O que eu vivi? Como me afetou? O que eu teria feito? O que docentes foram obrigados a enfrentar? Foram estes questionamentos que me levaram fortemente a me concentrar na importância desta calamidade para a minha formação.

4 AS CONSEQUÊNCIAS PANDÊMICAS NA EDUCAÇÃO – DO OUTRO PARA O EU

Ninguém espera iniciar um ano com a notícia de que uma pandemia assolará o planeta, muito menos que devido a ela toda uma programação anual dever-se-ia ser refeita, mas o universo está aí para nos mostrar que acontecimentos e imprevistos ocorrem, independentemente de nossas vontades e como seres vivos que somos, devemos nos adaptar e contornar a situação, afinal de contas, é exatamente assim que o ser humano se desenvolve.

Quando estamos focados e com objetivos bem definidos lutamos para que tudo corra dentro dos conformes, mas nos esquecemos que a serendipidade pode ser mais vantajosa para o emocional do que estar regrado por linhas já tracejadas, o que quero dizer é que por mais temerosa que seja a situação que fomos obrigados a enfrentar, ela se tornou o verdadeiro palco para a ressignificação de quem fomos e uma reflexão profunda e contínua de quem seremos.

Com o advento da crescente pandemia no ano de 2020 aulas foram suspensas, estágios foram cancelados e calendários acadêmicos reestruturados, todos por um bem maior – frear a disseminação do vírus por meio de aglomerações, já que o mesmo se propaga até os dias de hoje através da via respiratória e contaminação de mãos e objetos com o vírus e conseqüentemente o aumento do número de internações em hospitais e unidades básicas.

As escolas que possuíam uma estrutura organizacional mais próxima das tecnologias como plataformas que poderiam ser integradas ao ensino saíram na frente no sentido que, puderam se reordenar mais rapidamente ao se adaptar a nova realidade e ao uso constante da ferramenta e o que antes era tido como idealização passou a ser obrigatório para a continuidade da educação.

É nesta perspectiva que mostro as conseqüências que a pandemia trouxe para a educação no que se refere primordialmente a tecnologia, seja na visão de aluna, filha de professor ou uma *quase* pedagoga, pois este cenário se transformou no verdadeiro palco do que a palavra ressignificar sugere.

4.1 A internet na educação: não mais uma escolha, obrigatoriedade

Muitas instituições já possuíam ferramentas midiáticas e tecnológicas no seu repertório, pois enxergavam na tecnologia um aliado para a prática pedagógica, no entanto foi-se necessário um aprofundamento mesmo para aqueles que de alguma forma já estavam acostumados, não era uma questão de mesclar o ensino presencial e virtual, no começo ele passou a ser estritamente virtual, portanto o sucesso ou fracasso da sua implementação na educação estava no planejamento e organização da proposta criada pela instituição.

Além de ensinar e orientar a gestão e professores a manusear as ferramentas e a *internet*, era preciso fazer o mesmo com os alunos para que entendessem a importância da mudança, não tornando o ambiente tóxico e local de chacota para com os demais.

Oliveira, Melo e Silva (2020) enfatiza que o professor pertencente a uma sociedade anterior a digital e que, até então, se utilizando do método tradicional busca aos poucos ressignificar sua prática, contribuindo para a atual situação de ensino-aprendizagem. Os recursos tecnológicos atraem a atenção dos alunos e estabelece uma nova conexão que deve ser constantemente revisada para que, mais uma vez, não caia no tradicionalismo negativo.

Os *sites* como os *blogs* e plataformas como o *classroom*, por exemplo, passaram a ser muito úteis na divulgação de material criado e posto em ação por professores, gestores e alunos, em que se podia haver uma interação e até mesmo um jornal da escola para divulgar as principais atividades e pensamentos dos indivíduos alinhados ou não com a escola, desde que produtivas, como o caso de sugestões de melhorias. Contudo, se não há uma preocupação ou controle do que é postado, tanto por alunos como por professores, a ferramenta se transforma em um perigo como local de exposição de acontecimentos irrelevantes e/ou pejorativos, impossibilitando uma filtragem de interesses, fugindo do objetivo estipulado.

Chats, fóruns e *e-mails* foram e são, até o momento, ferramentas de muita valia, já que a troca de informação é mais rápida e atinge um público mais específico, de acordo com o interesse firmado. O compartilhamento não só de mensagens, mas de arquivos, programas, fotos, vídeos e áudios enriquece o processo educacional na medida em que fomenta as ideias, tira-se as dúvidas e ajuda-se aos demais, porém quando feito de forma adequada, pois os sujeitos estão livres para compartilhar informações, muitas vezes de maneira anônima, o que

significa que é um local sujeito a informações que fogem do tema proposto, de cunho dos mais diversos que não o inicialmente especificado.

Com as circunstâncias que nos habita atualmente nos vemos forçados a tirar os papéis produzidos das estantes e gavetas empoeiradas para enfim viabilizar no sistema educacional. A resistência de mesmo enxergando o mundo vantajoso que os recursos digitais têm a nos oferecer e que as crianças e jovens já se encontram imersos nestes, cai por terra.

Não faz sentido exigir do aluno o uso de programas computacionais ou uma dinâmica envolvendo a tecnologia se os mediadores desta ação não são capazes de fazer o essencial, “mediar”. É preciso conversar, demonstrar e permitir que se apropriem da ideia de que a tecnologia precisa caminhar junto da escola e vice-versa, e isso só é possível com a formação em serviço e o exercício por meio do contato com ela, pois assim como em um planejamento é necessário estar pronto para adversidades e ser capaz de contornar a situação para seguir com os objetivos, o mesmo deve ser aplicado à tecnologia, devem estar preparados para, ao detectar problemas ou adversidades, saberem resolvê-los.

Saber manusear a tecnologia amplia os horizontes não só dos alunos, mas também dos gestores e professores que buscam e encontram ajuda na tecnologia para formar-se e formar cidadãos capazes de buscar sua independência e inter-relacionar a si e aos outros com o meio em que vive. Portanto, a formação continuada dos agentes educacionais não deve ser restrita ao “pedagógico”, mas também visualizar a tecnologia como pertencente à prática pedagógica; e que não está tudo bem se não se sabe como “mexer” ou que pode ser deixado de lado.

Tudo o que é novo é mais complicado, mas não impossível e as escolas foram obrigadas pela situação a se remodelarem a cada vez que se aumentava ou diminuía os casos de contaminação nas cidades, além disso, precisaram trabalhar com problemas já existentes como a falta do acesso à *internet* (com qualidade) dos alunos. Levou-se muito tempo para encontrar um caminho sólido que garantisse os pés firmes no chão e a verdade é que, como um bom carpinteiro que não possui o material desejado para concluir o trabalho, se trabalha com o que a criatividade permite, dando o máximo de si. O educador teve de se transformar neste bom carpinteiro.

Essa dificuldade eu acompanhei de perto, quer fosse como aluna por ter de manusear plataformas que não estavam no meu cotidiano ou como filha de um professor que se viu obrigado a trazer para a sua realidade ferramentas midiáticas que não estavam inseridas no seu dia a dia. É uma faceta dramática, porque enquanto eu tinha de me preocupar apenas em me conectar virtualmente em uma plataforma com recursos simples, ele tinha de preparar planos de aula para alunos que possuíam acesso a internet e os que por algum motivo não conseguiam acompanhá-los pela plataforma educativa, além de produzir vídeos na íntegra sobre os assuntos e exemplos do que era dado, sem contar a disposição virtual de tirar dúvidas (tudo em dobro, porque ainda haviam aqueles que precisavam buscar atividades na escola).

Não tenho dúvidas de que a carga para os professores era muito mais intensa e preocupante, porque não bastasse produzir em dobro, consumindo muito mais tempo do que quando estava dentro de sala de aula e em casa, ainda precisavam ouvir de pais que a escola estava jogando sobre eles o dever que era da escola.

Planejar, concretizar, (re)definir, (re)avaliar são verbos que fazem parte de um ciclo na educação escolar que devem se fazer presente pela busca da melhoria e dos avanços para o desenvolvimento de todos. Inclusive, esse processo de avaliar (autoavaliação) pode ser por meio da própria *internet* (com formulários) e/ou de planilhas com questionário pré-definido na intenção de levantar dados e através deles entender aonde se chegou, o que falta para chegar onde se quer e traçar um novo caminho ou aprimorar o que já se encontra para alcançar os objetivos definidos e tudo depende do compromisso da gestão com a comunidade por um novo olhar, para se explicar o processo do qual ela também faz parte.

O que me leva a refletir mais uma vez sobre o questionamento que tive para mim mesma quanto a esta problemática da *internet* na educação no início da pandemia e que com sinceridade perdura até hoje sem uma resposta conclusiva: A normalidade a qual estávamos acostumados um dia retornará ou devemos dar adeus a ela? E se um dia ela chegar, as questões sobre a integração midiática na educação voltará para as gavetas empoeiradas e os textos digitais esquecidos nas nuvens carregadas de arquivos?

Acredito que não estamos firmados, mas estas são mudanças irreversíveis para uma quebra do futuro que talvez havíamos previsto se não houvesse pandemia.

4.2 A conversão do estágio obrigatório em outras modalidades: um ajuste necessário

No estágio curricular supervisionado do curso de Pedagogia do, então, Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão (CCSST/UFMA) do primeiro semestre de 2020 tivemos de buscar outro caminho, fazendo assim, uso dos meios tecnológicos para sua efetivação. Vários mecanismos foram sugeridos para dar continuidade no semestre amenizando o período já prejudicado por um calendário acadêmico temporariamente cancelado, dentre eles as aulas síncronas (com transmissão ao vivo) e assíncronas (sem transmissão ao vivo) de disciplinas abertas e a conversão de carga horária do estágio obrigatório nas mais diversas modalidades.

Segundo os termos da Ata n.º 01 da reunião da Comissão de Estágio do dia 03 de junho de 2020, o estágio curricular de natureza obrigatória, até então, realizado em escolas da rede pública de ensino poderia ser convertido em cinco modalidades: aproveitamento de carga horária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID); Residência Pedagógica; Estágio não obrigatório concretizado anteriormente; Participação em minicurso relativo às narrativas digitais e construtos de identidade docente; ou conversão do estágio para Webinários na administração, manutenção e supervisão dos mesmos, em todos os casos necessitando relatório final.

Particularmente, eu estava quase sem opção, pois tendo trabalhado desde o início da graduação em um hospital me foi inviável fazer uso dos programas que a Universidade disponibilizava, portanto PIBID, Residência e estágio não-obrigatório estavam fora do meu alcance, o minicurso veio posteriormente e mesmo precisando realizar apenas um acabei por realizar duas modalidades: o minicurso e os Webinários.

O que tenho a dizer sobre a ministração do mini (mas bastante esclarecedor) curso é que em meio à realidade a nós imposta, todos os professores deveriam

participar de algo do tipo ou ao menos ter a discussão em suas formações continuadas, pois as ferramentas eram todas alinhadas com o atual cenário, visto que trabalhávamos com murais virtuais, *saitebooker*, editores de imagens e vídeos para a construção de histórias, além de nos permitir explorar nossa identidade docente a qual está sendo constantemente formada.

Não seria um equívoco ressaltar que as tantas narrativas digitais trabalhadas no curso me tenham dado o gás final para transformar a minha experiência enquanto aluna-(futura)pedagoga, no meio tempo, na minha monografia, pois as produções e exposições eram recorrentes nos encontros. Ter facilidade para escrever não significa facilidade para contar a própria história, já que lembrar requer confrontar um espelho, mas sem sombra de dúvidas, ao menos para mim, é a reflexão contínua de que preciso para me entender e me colocar no mundo.

Durante as aulas me via como aluna, mas também como educadora e mais, como alguém que no meio das duas denominações pensava em várias maneiras de enfrentar as dificuldades que inúmeros docentes se deparavam com o início da pandemia.

Minha única frustração, se assim posso chamar, se deveu a não poder por as ideias discutidas nas narrativas em prática com os alunos, porque mesmo não podendo ir às escolas pensei que poderíamos interagir da mesma forma que os professores faziam com os alunos, através de *chats*, redes sociais, encontros virtuais fossem para esclarecimento de dúvidas dos conteúdos ministrados das disciplinas ou uma nova abordagem em uma espécie de reforço.

Mais uma vez, entendo o momento em que nos encontrávamos e fomos os pioneiros nas mudanças do currículo e não dava para ser perfeito logo de cara, contudo, se do minicurso não pude levar para a sala de aula os ensinamentos para serem explorados sua empregabilidade, em nada foi uma perda de tempo, levo para a vida, para as minhas sobrinhas e para o meu futuro como pedagoga.

Quanto aos Webinários os identifiquei da seguinte forma: O acesso à Pós-Graduação e seus impactos na formação/prática profissional; A pedagogia hospitalar: o lúdico como dispositivo na reabilitação de crianças hospitalizadas; Educação estatística, probabilidade e suas implicações no contexto atual; Paulo Freire e a educação brasileira: contexto histórico, epistemológico e sociais; e A escrita de artigos científicos e sua publicação em periódicos especializados.

Mas como a intenção não é narrar sistematicamente o que foi visto, mostrarei que mesmo no que é tido como habitual podemos ressignificar de acordo com a nova perspectiva segundo o contexto, pois em cada um dos Webinários pude tirar reflexões da vida e para a vida.

5 A APRENDIZAGEM DOS WEBINÁRIOS NO CONTEXTO PANDÊMICO

Por mais que estejamos prontos para o inevitável, assumo que dentro de nós, seres humanos, sempre almejamos que tudo siga de acordo com o planejado, porque encarar o que não está no papel requer reformular não só um plano, mas nós mesmos para que possamos enxergar meios que antes não havíamos captado.

Para mim, que tive de conciliar uma nova abordagem acadêmica com uma nova realidade profissional não foi diferente, mas o meu contexto não era meramente de uma leiga na pandemia, mas a de uma profissional na área da saúde com conhecimento pedagógico que via cada Webinar com um pouco dos dois olhares, por isso a perspectiva posterior se torna ainda mais subjetiva e minuciosa.

5.1 O acesso à Pós-Graduação e seus impactos na formação/prática profissional

Quero antes de mais nada, nomear os palestrantes da ocasião, porque sem a sensibilidade de disseminar suas vivências em meio a um momento que ainda nos machuca, não seria possível, ao menos da minha parte, evocar tantas lembranças do que já vivi com a atual situação. O primeiro palestrante fora o Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira com suas elucidações a respeito da Sociologia, seguido do Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli com o mestrado profissional em Educação.

Segundo, professor Jesus, o programa de Pós-Graduação em Sociologia foi pensado para sistematizar e refletir sobre a realidade da cidade de Imperatriz, assim como estudar as especificidades da região, isso possibilita um pensamento crítico que coloca o coletivo como sujeito prioritário em detrimento de estigmas ao qual esteja sofrendo, uma vez que se constrói uma análise do todo. Dentro desta realidade, o que fisgou o meu interesse foi o debate sobre a Sociologia que remonta um antigo conceito muito trabalhado durante a minha graduação: o Eu, o Outro e o Nós.

O campo de estudo da Sociologia sempre foi o Outro em seu aspecto coletivo, da mesma forma que sua luta para se manter como ciência na sociedade sempre se fez presente, seja pelo pouco tempo em relação as Ciências Naturais, seja por não a verem como uma propriamente dita, contudo, e mais do que nunca,

os estudos sociológicos são vitais. Em meio a pandemia e muito antes dela, o que mais se vê nas pessoas, de um modo geral, é sua indiferença para com o Outro, na exacerbação do Eu em detrimento do cuidar do Nós.

Se a diferença revela a condição da pluralidade humana em termos de construção e realização social, a indiferença é a marca de um tempo que já não reconhece sua responsabilidade com o mundo, relacionando-se de forma estéril com a cultura e suas manifestações do campo da ética, da estética, da política, da educação. (CONTE; OURIQUE, 2015, p. 5).

Ora, as pessoas estão acostumadas a passar pelas outras e serem alheias ao seu sofrimento, naturalizamos tanto a diferença sem questionar o porquê dela que nos conformamos com as atrocidades ouvidas e vividas, nos obrigamos a crer que ela é necessária para a roda da vida continuar e para que nossos próprios corpos não se destroçam junto das minorias e “talvez” seja por isso que a Sociologia tanto incomoda, tanto repugna aqueles que não permitem os problemas e dificuldades transparecerem, porque ela está lá para questionar, refletir e empurrar os cérebros para não se estagnarem. Um sistema que não visa o coletivo, de fato, jamais permitirá que olhos sejam abertos.

Esse senso sociólogo, de responsabilidade social e até mesmo do trato utilitarista como desculpa para permanecerem alheios aos problemas visíveis me transpõe para o conto de *The Ones Who Walk Away From Omelas* (ou em português, *Os que se afastam de Omelas*) escrito por Ursula K. Le Guin (1973), nele uma cidade muito bonita e cercada de alegria guarda um profundo segredo para sua prosperidade que a certa idade dos habitantes lhes é revelado, a felicidade e bem-estar de todos depende da tristeza, sofrimento e miséria de uma única pessoa, uma criança da qual não se sabe se a debilidade mental é de nascença ou proveniente do ambiente recluso, insalubre e de pouca ingestão de nutrientes.

Quando confrontados com a realidade, alguns entendem, outros se revoltam e há aqueles que choram, mas passados dias ou anos percebem que se é necessário e buscam justificativa na debilidade, no aprisionamento daquele ser para se continuar a situação, pois tantos anos presos não lhe garantiria liberdade por nunca a ter conhecido, não reconheceria a felicidade por nunca a ter sentido e jamais enxergaria o mundo, porque seu mundo eram as quatro paredes escuras e molhadas do porão.

Aqueles cidadãos se conformam na justiça da realidade e passam a conviver pacificamente com isso, porém outros simplesmente perambulam as trilhas e caminhos da cidade e se vão, os que ficam não sabem para onde eles seguem, mas aqueles que saem parecem certamente saber para onde vão.

Apesar de não saber quando ou como se determinou a situação precária da criança para a pacificidade e alegria de Omelas, aqui existe inúmeras questões que podem, de certa forma, ser relacionadas com o nosso cotidiano, como quando ignoramos os menos abastados que pedem ajuda, quando nos culpamos e não fazemos nada, quando não sentimos remorso por não termos sido os causadores dos problemas dos outros e por aí vai – a que ponto a felicidade da maioria deve prevalecer em detrimento da minoria? E a culpa é de quem? Do que decidiu o posto da criança? Dos que fecharam os olhos descobrindo a verdade? Dos que se afastaram por não compactuarem, mas que nada fizeram? Ou não havia culpado? São questões que não se aplicam somente a Omelas.

Por isso, constantemente me pego a remoer que o Ensino Superior em sua extensão, e mais exclusivamente a Pós-Graduação, seja qual for a área, dá uma abertura mais clara do pensamento crítico, do não produzir para si, mas para disseminar ao mundo, o que não significa que se exclui o aprendizado interiorizado. O ato de pensar nos desloca da comodidade, da conformidade para encarar justamente as nossas premissas, nossas dificuldades.

O impacto que este nível de ensino exerce sobre nós deve se concentrar na visão de um indivíduo que carregado de pensamentos advindos do convívio social saiba reorganizá-los para não se ater ao senso comum, nem mesmo se entregar aos retornos secundários que ele possa oferecer (muitas vezes colocados como principal fator como é o caso do financeiro), mas que vislumbre o senso crítico como caminho para uma sociedade melhor, porque quando buscamos o crescimento do coletivo significa que o pessoal já está bem encaminhado (ou ao menos ele deveria).

Ainda sobre Omelas, a Educação é um dos meios que nunca pode ser conivente com a injustiça, ela pode até ter dificuldades, mas nunca deve ser calada pelas circunstâncias, porque aí sim será o fim de tantas crianças famintas trancafiadas em seus porões que sequer entendem que necessitam de ajuda. É preciso mais, é repensar na forma de atuação quando ela mais desmorona.

Como foi o caso do mestrado profissional em Educação cuja contribuição para a sociedade, espaços e sujeitos da investigação era pautada em pesquisas de intervenção, contudo sofrera grande prejuízo com a falta de contato humano. Mas como levantado pelo professor Witembergue é preciso repensar os objetivos e se atentar às provocações iminentes que surgem com a pandemia, a exemplo das aulas híbridas, modulares e que utilizam os recursos tecnológicos muitas vezes já previstos na estrutura dos mestrados, mas que por um motivo ou outro não estavam em uso anteriormente.

A despeito de um dos motivos, senão o principal para o impasse da tecnologia digital, Souza e Souza (2020, p. 94) nos fomentam que:

as formações continuadas não oferecem situações efetivas que permitam ser realizadas com segurança pelo professor (muitos destes com pouca ou nenhuma familiaridade com o uso da internet e do computador), enquanto escolas não oferecem o apoio pedagógico e tecnológico adequado para um desenvolvimento eficaz.

Mais precisamente é necessário aceitar a realidade da inserção dos recursos midiáticos e tecnológicos articulados a qualquer nível de ensino, do infantil ao superior, visto que pertencente a uma era digital e forçados por uma pandemia, as resistências precisam ceder e as formações continuadas dos docentes contemplar fervorosamente e corretamente os recursos aos quais servirão de suporte e implementação na educação, afinal não só os alunos da educação básica, mas também os do superior se envolvem cada vez mais com o ensino dinâmico, híbrido ou remoto. Não são apenas os alunos que necessitam de apoio, nossos professores que estão na linha de frente também o merecem a fim de que se mantenham erguidos para abrir o caminho para o desconhecido.

5.2 A pedagogia hospitalar: o lúdico como dispositivo na reabilitação de crianças hospitalizadas

Devo dizer que o Prof. Me. Antônio José Araújo Lima foi provavelmente o palestrante do qual mais esperei assistir sua apresentação, uma vez que a temática abordava uma das áreas que desde o começo achei mais que plausível de discussão por duas razões: primeira, a Pedagogia Hospitalar se concentra em uma área não escolar, assim sendo, sai da caixinha que o pedagogo atua somente em sala de aula de uma escola, e segunda, mas não menos importante, se instaura em

um setor ao qual estou acostumada desde o início da minha jornada no curso de Pedagogia e embora eu não atue no cuidado direto de pacientes, vivo diariamente na circulação destes em um dos momentos de maior fragilidade, o momento pré e pós-cirurgia.

Ninguém precisa trabalhar em um hospital para ser empático com a situação do Outro, mas certamente ter a vivência se torna um diferencial para pensar na vida como um efêmero sopro ao qual não devíamos desperdiçar tão levemente e se meu contato com os pacientes já era puramente baseado na coleta de dados cirúrgicos, quando me deparava com uma criança (o que era raro, já que o hospital atende a população adulta) o coração instintivamente apertava por vários motivos, principalmente devido seu choro em um ambiente desconhecido ou sua aparente vulnerabilidade por ter de aguentar tão nova um momento tão difícil.

Sempre considerei antes de mais nada a Pedagogia como o curso para a vida, porque ela nos obriga a entender o Outro, antes que tentemos que absorvam o Eu. E por estas tantas razões apresentadas que a Pedagogia Hospitalar cativou inconscientemente a minha vista.

Muito se engana aquele que crê a Pedagogia apenas no espaço escolar – um prédio cercado por muros, às vezes contendo um pátio e repleto de salas de aula com carteiras enfileiradas ou não –, este é apenas um ramo ao qual o pedagogo pode seguir, mas a verdade é que sua área de atuação se estende para os mais diversos espaços: escolar, social, empresarial e hospitalar.

O Parecer CNE/CP 5/2005 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO) nos corrobora com a seguinte prerrogativa, “o curso de Pedagogia oferecerá formação para o exercício integrado e indissociável da docência, da gestão dos processos educativos escolares e não-escolares, da produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional” (CNE, BRASIL, 2006), ou seja, mesmo que a atividade central da formação do pedagogo se concentre nos espaços escolares, o profissional pedagogo é habilitado para exercer sua função, também, em espaços não escolares que exijam sua presença.

O graduando de Pedagogia, desde o começo ou antes mesmo que se inicie o curso, deve estar ciente de que o exercício de sua prática não se limita a sala de aula da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois muitas vezes a não identificação com a área cria uma barreira, quando não ocasiona na

desistência do curso – uma lástima, já que poderia se formar excelentes profissionais que não se encontrando na sala de aula se acharia nos demais espaços.

No que concerne o espaço não escolar, especificamente a hospitalar por ser nosso foco principal, está assegurado sua empregabilidade na Educação Especial pelo Ministério da Educação em conjunto com a Secretaria de Educação Especial por se referir a uma modalidade que se organiza para o cumprimento da lei, como descrito abaixo:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assevera que, para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino (art. 5o, § 5o), podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem (art. 23). Dentre as circunstâncias que exigem formas alternativas de acesso e organização do ensino, estão aquelas que caracterizam a produção intelectual no campo da educação especial. Para os educandos com necessidades educacionais especiais, os sistemas de ensino deverão assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às suas necessidades (art. 59). (BRASIL, 2002, p.9-10).

Portanto, a obrigatoriedade se estende aqueles que se encontram em estado de internação e que por diversos fatores estejam impossibilitados de frequentar o ensino regular dentro de uma escola, entretanto, como bem salienta a LDB, os sistemas devem assegurar, seja por meio de currículo, método ou recurso, um atendimento especial que vise a interligação do educacional com o ambiente em que estejam inseridos, isso quer dizer que não se deve aplicar as mesmas técnicas de uma sala de aula para um paciente-estudante se a própria atmosfera impede de que os objetivos sejam trabalhados da mesma forma.

O pedagogo hospitalar necessitará de um olhar muito mais humanizado, ele “deverá ter um conhecimento prévio referente ao paciente, então irá intervir por meio de atividades lúdicas e recreativas para que auxiliem a criança a desenvolver suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais” (ALVAREZ; RIGO, 2018, p. 13), ora pois, pouco se poderá tirar proveito de uma prática educativa que não englobe a realidade do educando, que não se leve em consideração a forma como ele próprio se ver dentro da realidade. Em um dia ele estará disposto e no outro poderá estar mais reservado pelo uso de medicações, tratamento ou reabilitação, o pedagogo sempre tem que ter em mente que está lidando com um aluno, mas antes de tudo, um paciente. Vale lembrar que:

o ensino hospitalar é oferecido para crianças e adolescentes impossibilitados de frequentarem a escola de ensino regular, seja por questões clínicas ou por questões individuais, por esse motivo o acesso à educação deve ser prestado por meio de duas modalidades de atendimento. (FERREIRA, GREGORUTTI, FANTACINI, 2017, p. 178).

Nem sempre o paciente-estudante estará exclusivamente no hospital, o mesmo pode exigir atenção de forma domiciliar, por isso os autores englobam duas modalidades dentro do ensino: o atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar. No primeiro, se enquadra todas as atividades e funções lúdicas, podendo ainda se dividir em classes hospitalares, brinquedoteca e recreação que serão melhores explorados no decorrer da narrativa; e no segundo, adaptações que integre esta criança ou adolescente que por algum motivo fique impossibilitado de frequentar as aulas na escola ou até mesmo o impeça de usufruir das instalações hospitalares.

Devo ainda registrar aqui a menção do livro *As Atividades Lúdicas Em Hospitais Pediátricos* pelo professor Antônio José, o qual é de sua autoria juntamente com Thelma Helena Costa Chahini em que explicita os espaços de interação dentro do ambiente hospitalar, como:

Classes hospitalares – que englobam os processos de aprendizagem, vinculando as atividades e exercícios aos da escola, bem como o devido acompanhamento para uma progressão sem atraso ou com menos disparidade do desenvolvimento em relação aos demais estudantes. E em falar nos demais estudantes é importante que esse paciente-estudante tenha sempre que possível o contato através da tecnologia, como recursos audiovisuais, para colaborar na futura reintegração com os colegas e familiares que não os acompanhe pessoalmente, assim como no desempenho de aprendizagem;

Brinquedotecas – que pela lei nº 11.104/05 são obrigatórias nas dependências de hospitais com atendimento pediátrico (BRASIL, 2005), servindo de espaço para o brincar, podendo ou não ser direcionado, mesclando atividades pedagógicas que beneficie as hospitalares, tais como: prender a respiração, assoprar balão para melhorar o trato respiratório, sensibilização às medicações a serem tomadas por meio expressivo e rítmico etc.;

Recreação – que ainda que seja menos sistematizado ainda acontece como meio para se criar momentos que amenize o ambiente junto do acompanhante da criança ou adolescente.

Ressalto que a sistematização do brincar deve estar sempre vinculada a capacidade e histórico do paciente-estudante. Como dito anteriormente, o pedagogo deve dispor de conhecimentos prévios para que organize e planeje uma proposta condizente com a condição de cada criança ou adolescente, visto que ele pode não interagir com outros de mesma idade por conta de infecção, por estar acamado ou por não se permitir socializar. É antes de tudo, necessário que se ganhe a confiança por meio do diálogo, observação e escuta.

A observância para riscos patológicos de infecções hospitalares, como bem lembrado pelo professor Antônio José, é outro ponto que o pedagogo deve estar sempre atento. Os brinquedos devem ser devidamente higienizados antes e após o uso dos mesmos pelas crianças, já que elas os levam para a boca – também há a possibilidade do contato com um corte recente ou proveniente da brincadeira – e estes podem ser fonte de contaminação de microrganismos de forma exponencial.

Estes são alguns cuidados que o local impõe e que o pedagogo deve constantemente se ater. A sua atuação não se restringe ao paciente-estudante – e que por si só não se compõe uma tarefa fácil –, mas também a busca contínua de um aprendizado que melhore o vínculo com os envolvidos, a uma apropriação de conhecimentos que atravessam o saber pedagógico e repousa sobre a saúde, as enfermidades, a humanização de cuidar saúde e educação. Assim como o professor que se encontra em sala de aula, o hospitalar deve fomentar as novas descobertas, corrigir hábitos traiçoeiros e se aproximar das formações continuadas, na medida que sendo cobrado se cobre para ser o profissional que esperam.

Desde o início, os espaços não escolares, ou melhor, externos a sala de aula me cativaram em teoria, porque mesmo sendo futuramente detentora de uma habilitação que me permitirá exercer a função, não faço ideia de como poderá ser possível quando a mesma graduação que habilita não explora estes espaços durante a formação na universidade para que tenhamos embasamento nas atividades a serem realizadas ou como serão aplicadas.

Em uma diversidade de disciplinas optativas, a oferta de uma que contemplasse o ambiente não escolar, não formal e informal deveria ser obrigatória, senão, ao menos visitada, pois não se pode esperar que um estudante esteja na sua excelência quando sua base esteve enfraquecida, obviamente também cabe ao graduando explorar a própria área de atuação e ser diligente nos estudos que por

algum motivo estejam ocultos no currículo. A própria Pedagogia nos mostra que estamos longe de entrar em um consenso e que se apropriar dela é uma luta que deve ser vencida diariamente.

No auge da Pandemia, quando aulas foram suspensas e estágios cancelados, a Pedagogia Hospitalar provavelmente devia estar gritando para ser ouvida, assim como as dificuldades das escolas de lidar com o ensino remoto. Em um primeiro momento de não sair prejudicada pela falta de estágio nas escolas e trabalhando em um hospital, confesso que esta havia sido uma alternativa plausível na minha cabeça, porém como todos os momentos difíceis da vida, não se podia simplesmente ser impulsivo, havia tantas outras questões em jogo como era o caso da exposição dos alunos ao vírus pandêmico e a falta de vacinação em massa na ocasião.

A experiência em um hospital seria enriquecedora, mas ser pioneiro em quase todos eventos da vida é segurar as pontas para um futuro promissor de gerações ou no nosso caso, períodos posteriores que se adequam a nova realidade. Se hoje fomos prejudicados, amanhã renascemos como o nascer do Sol no horizonte e há de ser dito que mesmo quando o plano não segue de acordo com o combinado, ele sempre serve de aprendizado para as próximas necessidades.

A verdade é que todas as profissões exigem esse renascer, essa ressignificação, mas a Pedagogia possui uma organicidade humana tão grande que os dias só são os mesmos quando nos esquecemos o propósito dela, quando tanto o Outro como o Eu não são mais vistos como as duas faces da mesma moeda.

5.3 Educação estatística, probabilidade e suas implicações no contexto atual

A palestrante da vez, Prof.^a Dr.^a Jaqueline Aparecida Foratto Lixandrão Santos, nos trouxe uma temática completamente pertinente para a situação vivida por todos nós e com pesquisas realizadas tendo em vista o contexto atual nos fora apresentado a relação entre estatística, educação estatística e probabilidade através de dados que rapidamente se tornaram rotina para a maioria dos brasileiros.

A pandemia da COVID-19 não nos feriu só em ver a situação daqueles próximos a nós, uma vez que víamos a dura realidade acontecer diante nossos olhos, mas também porque conscientes ou não, a estatística e probabilidade está em

tudo aquilo que nos rodeia e ela nos provou de variadas maneiras o quanto a interpretação de dados influencia ou não na opinião pública.

O primeiro ato da prof^a Jaqueline fora apresentar dados da COVID-19 que, em suma, eram notícias que se projetam em cima de números, os quais se encaixam na estatística: variáveis, qualitativos, quantitativos, amostra com apresentação de gráficos, ou seja, se embasam em dados estatísticos e para quem possui o mínimo de conhecimento do assunto para interpretá-los era de uma impactância extraordinária. Sobre a importância do saber estatístico a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos esclarece:

[...] todos os cidadãos precisam desenvolver habilidades para coletar, organizar, representar, interpretar e analisar dados em uma variedade de contextos, de maneira a fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões adequadas. (BRASIL, 2017, p. 274).

E se, antes, a estatística passava despercebida pelas pessoas, o contexto ao qual nos vimos obrigados a enfrentar continuamente exigiu um levantamento de dados, um comparativo que carrega atrás de cada número uma vida infectada, recuperada ou perdida, mas de nada adianta a apresentação dos fatos em números se a ignorância não vem do não saber, mas do não pertencimento ou pior, da crença desacreditada.

A questão aqui não é que as pessoas não consigam interpretar um gráfico ou tabela que sempre acompanham um esclarecimento dos jornalistas, mas que elas não se sintam representadas e pertencentes da realidade, é o famoso "isso não vai acontecer comigo", e o maior problema é que essa situação se estende para "isso é manobra da mídia para assustar as pessoas". O que mata não é a ignorância propriamente dita, mas a não consciência diante dos fatos, por não se sentir enquadrado e achar que nunca será mais que um dado estatístico.

Quantas vezes não ouvi e vi dentro do meu próprio ambiente de trabalho resistência ao uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) quando os casos deram uma leve declinada por não considerarem mais a doença como alarmante quando os dados ainda estavam elevados?

O que também pode ser um problema é a generalização do dado, mesmo que ele seja elevado, nada sugere que também o seja no local em que a descrença seja visível, ao menos os incrédulos assim pensam. Ora, os locais com maiores aumentos são aqueles em que o descaso é notado com indiferença, pois uma vez que não internalizam a importância das informações apresentadas, não há a

efetivação das recomendações para combater o alavancamento dos números.

Em se tratando de números, porcentagem e crescimento, por muito tempo me questionei qual seria o verdadeiro problema social para nos sentirmos abalados com mais de seiscentas mortes diárias contabilizadas na Espanha e Itália em 2020 e a total falta de abalo, de forma geral, quando a mesma referência estava quase duplicada quando tornou-se o pico no Brasil. Estariam as pessoas simplesmente conformadas com os números como se elas não fossem as causadoras de tal aumento?

Ainda hoje, passados mais de dois anos ainda não compreendo a razão de sermos, no geral, tão alheios à situação, como se não tivesse acontecido com um conhecido, um parente ou conosco mesmo. Mais uma vez me pego refletindo sobre Omelas, se aquelas mais de seiscentas mil vidas não seriam a criança encarcerada porque não podíamos nos abster de alguns prazeres efêmeros em prol da comunidade, da sociedade, já que pensamos que a nossa liberdade individual está acima da social.

Ainda assim, esses fatores são apenas uma "fatia da pizza" de representação, uma vez que o desconhecimento estatístico e probabilístico também colabora para a ineficiência e ineficácia das ações contra o vírus. Quando na escola e apresentados ao tema matemático, muitas das vezes o aluno é arremessado a inúmeros conceitos e representações que não condizem com a sua realidade, elas podem até serem conhecidas, mas dificilmente são tão eloquentes como os dados que poderiam ser retirados de dentro da sala de aula, de suas casas e de suas vidas, pois

Propor coleta de dados desvinculada de uma situação-problema não levará à possibilidade de uma análise real. Construir gráficos e tabelas desvinculados de um contexto ou relacionados a situações muito distantes do aluno pode estimular a elaboração de um pensamento, mas não garante o desenvolvimento de sua criticidade. (LOPES, 2008, p. 62).

É nesta conjuntura que a Educação Estatística é necessária e se concretiza em relevância.

A educação estatística surgiu a partir da importância do raciocínio probabilístico, infundindo os conceitos na matemática. Como mencionado através da BNCC (BRASIL, 2017) e reforçado no Webinário, as situações problemas devem partir da própria realidade do aluno, de seu cotidiano, assim os conceitos probabilísticos fluem em um percurso mais natural, onde se apreende que nem

todos os fenômenos são determinísticos, de que a aleatoriedade é possível, que existe diferença em eventos certos, impossíveis e prováveis e que se faz relacionar simulações e teorias por meio de experimentação dos dados coletados. O aluno desenvolve sua capacidade de planejar e construir relatórios com os mais diversos dados e técnicas, assim como compreende em criticidade as informações, porque:

O Ensino Fundamental deve ter compromisso com o desenvolvimento do **letramento matemático**, definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas. (BRASIL, 2017, p. 266).

É preciso ver para além dos números, enxergar e se enxergar para entender em plenitude e isso começa quando os dados são retirados das vivências dos alunos, principalmente quando ainda são mais novos e que nos primeiros anos do Ensino Básico se encontram em uma fase mais concreta e menos abstrata, tomando o devido cuidado para que a subjetividade não seja determinante no pensamento e só então expandido os horizontes dos alunos para temáticas mais abrangentes e que aumentem o nível de criticidade sobre o assunto.

É fazer as crianças experienciarem as chances de algo ocorrer retirado daquilo que elas gostem ou seja melhor para visualizar, porque não é introduzir conceitos complexos com explicações que não podem entender, mas os pequenos possuem discernimento melhor do que costumamos julgar, eles inferem suas hipóteses de acordo com o que vêem, fazendo assim a mediação do educador apenas como ferramenta atizatória de suas curiosidades.

Portanto, a população precisa ser (re)educada para compreender os dados que são constantemente bombardeados, questionando sua veracidade e entendendo a técnica e abordagem utilizada para que possam se posicionar apropriadamente e logicamente, evitando confusões ou mal-entendidos que deturpam a realidade. A atual situação é apesar de frustrante e complicada pela proporção a qual pertence, o cenário propulsor para trabalhar os conceitos probabilísticos e estatísticos na mais tenra idade – obviamente respeitando o intelecto de cada fase –, em que das próprias crianças e adolescentes podem surgir interesse pela pesquisa no intuito de encontrar respostas para as mais diversas perguntas que ficam em aberto.

Tudo depende de como o professor abordará a temática e do quanto ele será

capaz de fazer o aluno entender que a Estatística e Probabilidade são mais que uma porção de números ou fatias lançadas diante os olhos, afinal ela tem a ver com tudo o que nos cerca, desde o assunto mais chato até a probabilidade de se ganhar aquele brinquedo tão desejado na máquina com uma “garra”.

5.4 Paulo Freire e a educação brasileira: contexto histórico, epistemológico e sociais

Falar de Paulo Freire é recapitular a história da pedagogia brasileira como uma luta que perdura até o presente momento e como bem exposto pelo professor Dr. Nilo Agostini no, então, Webinário, seus trilhos são tão cheios de alto e baixos que deram forças e resistência para perpetuar além do tempo, quebrando barreiras que nenhuma imposição fora capaz de frear por completo.

Nas palavras do professor Nilo, Paulo Freire elabora uma pedagogia baseada em experiências situadas em tempo e espaço, ou seja, possui uma firmeza que não depende unicamente das ideias, sempre que possível acreditando e florescendo a capacidade criativa das pessoas por meio do diálogo. Vale acrescentar que seu pensamento se constrói a partir das vivências para se obter a pedagogia desejada.

Nilo nos elucida que o diálogo foi fator essencial à vida de Paulo Freire, muito mais pela experiência adquirida do que estudo de autores que defendesse o pensamento, portanto um fator existencial (reforçando mais ainda a ideia de que experiência é tudo aquilo que nos passa e dela nos apropriamos na vida).

a educação é ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate. O que requer o olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e neste sentido é na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem. (SCHRAM; CARVALHO, 2013, p. 4).

Como parte constituinte da comunicação humana, o diálogo possui todo este viés mencionado para incorporar aprendizado e interação com aqueles que estão em volta, tão importante que as primeiras lições começam no próprio ato de dialogar quando o momento da fala cede para a escuta e vice-versa, em que mesmo se divergindo se entende ou busca o entendimento para permanecer de maneira calorosa e produtiva.

Seguindo a trajetória apresentada por Nilo de Paulo Freire, mesmo ele tendo

se formado em direito não prosseguiu com a carreira, visto que em um dos casos defendidos identificou que a causa da perda havia se sucedido muito antes dos tribunais, sendo proveniente da injustiça, por isso parte a se empenhar na Língua Portuguesa como professor, estudando filosofia, psicologia da linguagem, sendo influenciado por autores franceses personalistas dos anos 50 e 60, e no Brasil por seus correspondentes como Tristão de Ataíde, o que possibilitou uma forte influência da compreensão positiva do ser humano e a integralidade do ser.

Mas, é acompanhando sua esposa Elza, como professora e diretora de uma escola primária, que identifica o maior problema da educação brasileira, o analfabetismo. Durante este tempo e posteriormente, utilizou-se de estudo e técnicas que colaborasse para a redução do analfabetismo até que se convertesse no processo de alfabetização, por exemplo, procurando integrar alunos e dirigentes da instituição, o objetivo era adequar a linguagem às técnicas pedagógicas por meio do universo linguístico e cultural das pessoas com quem trabalhava, para que educador e educando fomentassem um no outro suas realidades. Assim sendo, requerendo profissionais que “[...] lutem pela reformulação do currículo em que ao ensino dos conteúdos, acrescente-se a leitura crítica sobre a realidade. Não apenas para desocultá-la, mas para agir sobre ela, transformando-a”. (SCHRAM; CARVALHO, 2013, p. 14).

Como tratado no tópico anterior, quando se traz a realidade do aluno através do diálogo como Paulo Freire sugere é possível fazê-lo se sentir pertencente e muito mais capaz de exercer sua criticidade quando o assunto não foge daquilo que vivencia, seja entre professor ou aluno os argumentos se impõem e contrapõem à medida que flui os saberes e experiências. O crescimento do aprendizado e da linguagem não se limitam ainda porque a mediação instiga e provoca a busca por novas respostas, ou mais, por novas perguntas e são estas perguntas que levam a caminhos antes não explorados.

Ainda nas décadas de 50 e 60 há um despertar nos setores populares, buscando uma participação maior nos destinos do país, transitando de uma sociedade fechada para aberta e democrática que se destaque como sujeito e não objeto de quem ouve e se deixa nas mãos de terceiros. A pedagogia sofre com o movimento em uma preparação/organização de um trabalho educativo com as pessoas, ou seja, a realidade delas é importante no processo educativo, há

formação de grupos de estudo, mudança do método auditivo para discussão, participação e diálogo as tornando críticas, capazes de serem construtoras de cultura e determinantes na escolha da direção do país.

Daí parte a ideia de que educar e alfabetizar é também conscientizar e nada melhor que ela seja fruto de palavras geradoras que englobam o mundo do educando, facilitando e intercalando o diálogo que ao mesmo tempo que se alfabetiza se discute e intensifica a criticidade do indivíduo e do coletivo, uma ação que, aliás, deveria-se iniciar no berço da família, incitando o posicionamento e a necessidade de falar ao invés de se manter em silêncio.

A disseminação do “método” freiriano vai tomando proporções densas e por volta de 1964 o Governo Federal tenta adotar o método no Plano Nacional de Alfabetização, assim alfabetizando cerca de 5 milhões de adultos em dois anos, porém o Golpe Militar, no mesmo ano, paralisa a iniciativa, prende, exila e implementa uma metodologia que descarta Paulo Freire. Levantada pela ditadura a “acusação era a de que seu método, comparado às perspectivas de Stálin, Hitler, Perón e Mussolini, provocava movimentos antipatriotas”. (LIMA, 2014, p. 68).

O Golpe Militar silencia o que a educação propunha em dar voz, abitolando as pessoas e as impedindo de pensar por elas mesmas e acima de tudo, em expor seus pensamentos, é mais fácil manter uma massa controlada pela ignorância e preparada para um único fim profissional do que permitir que destronem aqueles que tentam encarcerar uma camada que exige ser emancipada. E a classe abastada sempre foi ciente de que a educação é transformadora, seja no passado ou nos dias de hoje que tentam continuamente camuflar suas ações opressoras e limitar o acesso à libertação intelectual.

O interessante na fala do professor ao narrar o processo da pedagogia freiriana é perceber que enquanto o país de origem usou de força para expurgar o método e a própria pessoa de Paulo Freire, os outros países, inclusive aqueles que se fez estadia, abraçaram a causa e implementaram em seus sistemas de ensino o método freiriano.

Ora, mais uma vez é nítido ver que aqueles que usaram de suas experiências, não foram outros senão os que vêem a educação como meio de melhora de vida, não somente para uns, mas para quem quer fazer por onde, para aqueles que já não pensam em se conformar em mastigar sem antes saber o que se

come.

É ainda na trajetória de Paulo Freire que encontramos aspectos epistemológicos que "traduzem" sua defesa no que diz respeito ao que a educação deve fazer pelo homem e o que se deve esperar deste mesmo indivíduo.

Aqui, deixo para que nunca seja esquecido doze aspectos que se leva para a vida baseado nas palavras de nosso benfeitor palestrante:

Primeiro aspecto, experiência de vida do aluno: o aluno ainda que criança não é introduzido na escola como um quadro branco a ser pincelado e preenchido, muito menos limitado. A criança traz consigo uma história que deve ser aproveitada para o aprendizado, vivências que por fazerem parte de sua história significam e ressignificam a dinâmica.

Segundo aspecto, nós somos corpos conscientes: este se refere ao saber feito com experiência, ao desabrochar da curiosidade é quando tomamos conhecimento de que somos conscientes não pela capacidade de pensar, mas pela constante transformação que exigimos de nós mesmos com o mundo e com o outro, nela não há ruptura entre o mundo da escola e da vida.

Terceiro aspecto, valorização do ser humano como ser de relações: o homem é pertencente ao mundo e com o mundo, não é um ser isolado que possa interagir unicamente consigo. A interação e diálogo com o Outro e com o ambiente permite um enriquecimento que transcende muitas vezes a compreensão.

Quarto aspecto, ser transcendente: evidencia a capacidade de superação, buscando ir além, sair de si e estar com o mundo e com os Outros.

Quinto aspecto, ser que existe no tempo e no espaço: o ser humano tem uma temporalidade e historicidade, o mundo nos afeta e nos influencia ao mesmo tempo em que afetamos e influenciemos a história e a cultura.

Sexto aspecto, ser que cria e transforma: ao preencher a história pessoal com experiências o ser torna-se capaz de (re)construir o seu mundo e assim afeta o Outro, fazendo da sua criação parte constituinte do Outro.

Sétimo aspecto, ser de diálogo: ressignificação pelo olhar do Outro, escutar e entender seu ponto de vista, envolvendo confiança e esperança no crescimento deste. Dialogar nunca é um processo fácil de início, mas certamente é o que permite fluir tão naturalmente quanto as correntezas de um rio até que se torne tão cotidiano quanto respirar involuntariamente.

Oitavo aspecto, ser crítico: alimentados pelos aspectos anteriores, a pessoa é capaz de superar, engrenar os acontecimentos para que se tenha o melhor, refletindo e refazendo.

Nono aspecto, sustentado no amor: se refere a transformação pelo amor a si, pelo Outro e pelo mundo.

Décimo aspecto, ser autônomo e emancipado: educar para decidir, escolher, se posicionar diante as imposições para ser ativo e não indivíduo passivo que apenas aguarda que as escolhas sejam feitas.

Décimo primeiro aspecto, ser sujeito: ser participante, crítico e democrático, pensando na sua realidade e do Outro, assim não se permitindo ser um fantoche que sofre manipulação.

Décimo segundo aspecto, despertar como sujeito crítico e ético: por fim, a libertação do opressor e do oprimido.

Como podemos perceber, Paulo Freire se posicionou em um "mundo" que foi contra ele e seus movimentos, e mesmo assim não o impediu de ser, de caminhar e trilhar o caminho do qual acreditava ser o correto, mesmo que não se fizesse possível na sua própria casa (país), em que corrido os anos ainda causa espanto e barreiras para sua devida implementação. Tudo porque creditado como visionário desafiou um sistema que não permite o ser pensante, mas o alienado acomodado que aguarda alguém decidir suas escolhas.

Paulo Freire lutou até seu último dia pela ideia de alfabetizar e educar para emancipar o indivíduo em toda a integralidade que o ser humano é capaz de desenvolver, mas se hoje ele já não está entre nós, todo aquele que acredita em sua causa perpetuará através do tempo o que ele jamais pôde deixar de lado ainda que lhe custasse a vida: a libertação de um povo não por armas, mas por conhecimento adquirido de cada passo dado em direção ao futuro.

5.5 A escrita de artigos científicos e sua publicação em periódicos especializados

A Prof.^a Dr.^a Adair Mendes Nacarato embora nos últimos dez anos tenha se envolvido com pesquisas voltadas a narrativas com formas textuais mais livres dos cânones acadêmicos, mostra sua experiência com os trabalhos acadêmicos,

principalmente como professora de Pós-Graduação, como Editora de revista e por ter mais contato com a produção sistematizada.

Enquanto sua experiência era relatada durante todo o Webinário através das etapas apresentadas, pude me transportar em alguns momentos como será exposto por situações bastante pessoais que me fez questionar não só a educação superior como também a regular. Assuntos corriqueiros e que consideramos saturados são aqueles que em um momento de reflexão mais têm a nos desvencilhar.

Ela nos alerta de antemão sobre uma característica inerente da linguagem escrita, ou seja, é preciso entender que quando se escreve, escreve algo para alguém e com uma finalidade, e mesmo que se utilize de várias ferramentas para a escrita ela é realizada por prazer ou necessidade, no caso acadêmico, ao qual me aprofundarei, é por uma necessidade, já que a formação nos exige.

Adair nos diz que Bakhtin (1997) enuncia os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis, uma vez que apresentam conteúdo temático, construção composicional e divulgados em determinados campos de comunicação, mesmo assim, embora se apresente em uma prática específica, cada prática é particular por incorporar a experiência escrita e de mundo do indivíduo, assim como o memorial que vos é apresentado.

No aspecto acadêmico há ainda a classificação do gênero discursivo secundário que diferentemente do primário se preocupa com a forma e enunciado dos textos e quanto mais o utilizamos mais os sabemos diferenciar e os empregar livremente, a exemplo destes temos os resumos, fichamentos, resenhas, textos para eventos, artigos científicos, capítulos de livros, livros, monografias, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses.

Independente das especificidades que cada gênero se compõe, o científico é regido por normas técnicas que o padronizam para melhor entendimento, mas que vem a ser a maior dificuldade daquele que lida com as normas técnicas, pois assim como um manual que ensina onde cada peça toma seu lugar, as normas constituem-se em informações que precisam ser respeitadas como é o caso das citações diretas e indiretas e no processo de referenciar as citações.

De uma maneira intrínseca, sinto que as narrativas pessoais muitas vezes são desconsideradas em detrimento das científicas que seguem um padrão mais rigoroso como um relatório sistemático que muitas vezes não admite a liberdade da

subjetividade como meio para se alcançar o proposto. Não é um problema que haja os dois lados como constituição da mesma moeda, mas que exista um rebaixamento de importância de uma em relação a outra – lembrando meu período educacional regular não consigo encontrar um momento significativo em que a produção sobre o Eu tivesse tanto destaque quanto ser crítica sobre temas distantes da minha realidade só por estar no currículo, talvez inconscientemente este fato tenha colaborado para a minha escolha de um memorial ao invés de uma pesquisa externa a mim.

Partindo para a concepção de pesquisa temos os desafios prioritariamente dos graduandos, já que outros, tais como mestrandos e doutorandos conseguem ter uma familiaridade maior (em tese) com o termo. A pesquisa, por muitas vezes, é corrompida em seu sentido primário ainda no Ensino Básico, não se atentando e buscando entendê-la em sua plenitude, mas a deixando erroneamente com a finalidade de obtenção de nota. A preocupação com o tema a ser tratado, o mapeamento do que já foi produzido a respeito, bem como os instrumentos a serem utilizados de acordo com a modalidade de pesquisa escolhida se intensificam com as exigências da graduação e a maior dificuldade encontrada se deve a pouca ou nenhuma exploração da investigação no ensino anterior e até mesmo no atual.

A pesquisa deve ter congruência em sua extensão, integrando todos os elementos constituintes da estrutura exigida pelo gênero ao qual ela pertencerá. A análise deve ser condizente com o procedimento de produção que integra o objeto na problemática de todo o percurso da temática, mostrando detalhamento, transparência e fidedignidade que viabilize e não deixe dúvidas quanto as informações apresentadas na pesquisa.

Da pesquisa parte-se para o relatório, e como reforçado pela professora, pode ser o momento de maior tensão para o pesquisador que não tem a prática da comunicação, pois a necessidade de tornar seus pensamentos claros e congruentes está diretamente ligado ao entendimento daquele que avaliar o trabalho, além de ser necessário o toque autoral faz-se necessário também questionar as hipóteses levantadas e o rumo que a pesquisa tomou, sendo esperado ou inesperado. Não menos importante, o relatório precisa obedecer aos requisitos pré-textuais, textuais e pós-textuais que cada instituição adota.

A exemplo do memorial, diferentemente do que se pensa, não é fácil resgatar

memórias tanto quanto coletar dados que independem dos sentimentos ligados a nossa história, ela também é uma pesquisa sobre nós, sobre os passos dados e acima de tudo, sobre acessar momentos da vida que acreditamos já não recordar e nem sempre gostaríamos de retroceder e transmitir a mensagem do nosso passado e o que queremos para o futuro exige mais do que permitir ser avaliado, é com antecedência entender a si mesmo.

O próximo passo a ser dado se refere a divulgação/publicação da pesquisa, no qual se deve atentar para a necessidade de comprimir um trabalho de muitas páginas para periódicos ou congressos e atender as imposições dos comitês científicos e editoriais no que diz respeito a seleção de material quando há um limite definido. Não é à toa que a frase mais bem dita é que a prática leva a perfeição, já que não bastasse produzir uma pesquisa, às vezes se é necessário condensá-la, algo que somente a insistência é capaz de nos fazer aprimorar.

Vale ressaltar que a ocasião ou, no nosso caso, a emergência também nos faz produzir pesquisa em qualquer ramo ou segmento que se ousa publicar, como é o caso dos anos 2020 e 2021 que se escreve com variadas finalidades e nas mais diversas áreas como social, saúde, educação e economia devido a situação pandêmica provocada pela COVID-19 e o efeito dela sobre nossas vidas. Esse diálogo pautado pelas pesquisas de uma temática nada usual possibilita o compartilhamento do conhecimento construído e as experiências vividas como dados a serem estudados para mais uma vez o aperfeiçoamento da criticidade.

Professora Adair ainda nos apresenta os percalços de se construir resumos contendo informações necessárias para o entendimento claro do artigo, expondo os problemas identificados nos artigos de periódicos e eventos, tais como: falta de coerência teórico-metodológica, recortes mal feitos comprometendo a clareza e coesão da proposta, questionário como único instrumento de coleta de dados, temas repetitivos sem uma abordagem inovadora e criativa dentre outros. Estes problemas relatados ainda são dificuldades que alunos da Pós-Graduação encontram e que devem ser aprimorados para minimizar o máximo possível do comprometimento da produção de seu trabalho.

Os desafios são muitos e assim como parte da própria dificuldade do pesquisador, também é um reflexo da precariedade da metodologia no Ensino Básico e da formação do profissional. Muito frequentemente o primeiro contato com

metodologia científica se dá na graduação, local que solicita a compreensão mínima dos componentes para produção dos mais diversos gêneros discursivos, desacelerando a disposição na investigação da pesquisa, visto que o não saber como fazer predomina a cabeça daquele que tem pouca prática. Praça (2015, p. 76) nos esclarece que “[...] as Universidades tentam minimizar estas situações inserindo no conteúdo programático do curso superior a disciplina de Metodologia Científica e na maioria das vezes, ministrada nos primeiros semestres do caminho acadêmico”.

Nada mais prático do que citar minha própria experiência no que diz respeito à metodologia. O currículo do ano de 2016.1 do curso de Pedagogia não contou com a disciplina de Metodologia Científica, contudo, graças ao conhecimento adquirido na disciplina em outro curso inacabado, minhas dificuldades não eram exatamente as mesmas que as de meus colegas, todavia, de forma geral, trouxe durante muito tempo dificuldades na turma para apreensão de como produzir determinados textos: fichamentos, resenhas, resumos, relatórios, estes foram gêneros que aprendemos a lidar com o decorrer do curso e da paciência dos professores de ensinar, apresentar material e expor suas próprias exigências de como entregar os textos solicitados.

Fazer pesquisa, assim como fazer relatório não é algo que se consegue da noite para o dia, mas deve ser continuamente realizado para o seu aperfeiçoamento, pois somente com muita leitura, interpretação e compreensão dos requisitos solicitados se pode afirmar: fazer pesquisa. Além disso, não há grau acadêmico que não tenha mais o que aprender neste processo, quando uma pesquisa é encerrada, um relatório é necessário e mesmo quando este é finalizado, um novo foco surge e o ciclo se repete – mas se repete não de forma igual, mas em um caminho que supõe outra maturidade, aquela adquirida com a quantidade de trabalhos já prestados e o mesmo processo se aplica para os memoriais de formação e de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que são inúmeras as formas de se beber da fonte infinita que é a construção da identidade e/ou ser pedagogo, o memorial de formação do estágio contextualizado pela pandemia foi a massa esférica de um pêndulo a estalar as estruturas internas para entender que quem fui ontem influencia muito mais do que gostaria em quem serei amanhã e isso significa que o que faço do meu passado reflete no meu presente tanto quanto se nada fizer, continuará a afetar o meu futuro positiva ou negativamente falando.

A introspecção é o caminho que todo indivíduo deve tomar para conhecer a si mesmo. Equivoca-se aquele que tem certeza sobre si, porque as experiências são um conjunto de acontecimentos que se impregnam na nossa memória e enquanto se vive, eventos nos acontecem.

Rememorar é fazer uma pesquisa interna do que há de mais bonito e feio na nossa história para entender o impacto destes momentos em quem somos. Ninguém pode invalidar as experiências que cada indivíduo tem, porque somente quem as vive sente a magnitude dos seus acontecimentos, mas a compreensão e análise de quem escreve e ler é igualmente enriquecedora para a formação profissional e pessoal.

Em um momento em que buscar a mim mesma já estava em alta quer fosse por minha escrita pessoal ou a necessidade de escrever em forma de memorial os relatórios de estágio do curso de Pedagogia, a pandemia veio para enraizar ainda mais a prerrogativa de se voltar para o interior, pois ela permitiu com toda a adversidade exigir um novo olhar de cada indivíduo no pessoal ou profissional, ela possibilitou ressignificar não só a nós mesmos como o nosso cotidiano.

Reformular planos já construídos com uma via de escape para tudo o que podia fugir do pretendido foi uma exigência necessária para dar continuidade a vida e (in)felizmente a dor é um processo natural do crescimento do ser.

Com a pandemia foi preciso no linguajar popular 'rebolar' para se encontrar caminhos que não estavam expostos antes e como um capitão velejando em alto-mar se exigiu toda a experiência de anos e até o que não se sabia ser possível para não virar a embarcação em meio a grande tempestade que se assolou sobre nós. Na educação, que é o meu foco, foi ainda um desafio sofrido para alunos e

professores que de grau por grau se desvencilhou mediante todas as dificuldades de manuseio e interação e com efeito estes esforços perduram até os dias de hoje trazendo efetivamente a tecnologia como aliada e não mais um acessório dispensável.

O ser humano em meio a crises se (re)descobre. É como a passagem de uma das tantas escritas pessoais produzidas durante o meu ensino superior, 'seja inverno, ele é sinônimo de desaceleração, não de morte. Se desapegar do passado não é simples e exige um recolhimento pessoal muito mais intenso para entender que a quebra de linha feita foi necessária para que se continuasse vivo. Resista, sobreviva e volte como uma linda planta florescente, não há primavera sem inverno. O melhor florescer é aquele proveniente de uma longa batalha'.

A mudança é naturalmente necessária quando estamos em crise, porque a resistência não nos leva para outra direção senão o lugar que já conhecemos e para sair dela é preciso mais, é superar limitações ainda que ninguém mais veja. É fazer como os incontáveis profissionais que encontraram novos talentos e os integraram em sua prática, que saíram do comodismo para alçar voos perigosos ou simplesmente aqueles que diante suas adversidades continuaram sem se entregar para o mesmo de antes.

Para mim, o aprendizado que levamos durante o nosso percurso, assim como este momento em específico de nossas vidas determina o tipo de profissional que seremos no futuro, mas isso não quer dizer que temos por definido o nosso perfil como pessoa ou profissional. É como dito antes, a construção da identidade e do ser pedagogo é dinâmico e orgânico, nos alimentamos dia após dia de acontecimentos que são processados por nosso organismo e assim como ingerimos, expelimos aquilo que não nos é útil.

O importante é o que nos passa e o quanto de efeito permitimos que isso cause em nossas vidas e o que me passou neste período é que quando reflito sobre mim, consigo muito mais facilmente refletir sobre o que me rodeia, seja ele um assunto novo ou um velho conhecido já muito debatido, porque uma perspectiva é sempre alterada dada novas vivências. Foi assim com os Webinários durante a pandemia, será assim quando novas experiências me fizerem acrescentar novos pontos de vista, porque enquanto tiver vida e disposição para pensar continuarei a

ser um ser consciente e de necessidade por entender o meu interior e o exterior, assim como a relação que as duas mantêm entre si.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Francisco de Assis Carvalho de. **Pesquisa educacional: do projeto ao trabalho de conclusão de curso**. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, 2018.

ALVAREZ, A.; RIGO, M. Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações. **Boletim Técnico Do Senac**, v. 44, n. 2, 20 ago. 2018.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G.Pereira. Revisão de Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

_____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000423.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2020.

_____. Presidência da República. Lei n. 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial da União**, Brasília: Casa Civil; 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm>. Acesso em: 09 dez 2020.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n. 19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>> Acesso em: 08 dez 2020.

CAMPELO, R. B. A internet na educação: caminhando do possível para o obrigatório. **O que dizer sobre minhas experiências educacionais em prosa e poesia**. Imperatriz, 08 jul. 2020. Disponível em: <https://railenabc.blogspot.com/2020/07/a-internet-na-educacao-caminhando-do.html> Acesso em: 16 dez 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Pleno. Parecer CNE/CP n. 5/2005. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 maio 2006. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 08 dez 2020.

CONTE, E.; OURIQUE, M. L. H. O que nos torna indiferentes ao outro?. 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

FERREIRA, L. S.; GREGORUTTI, M. G.; FANTACINI, R. A. F. Pedagogia hospitalar: a atuação pedagógica em ambientes hospitalares. **Research, Society and Development**, v. 6, n. 2, p. 171-187, 2017.

GOMES, J. A. C.; PONTES, V. M. de A. [Orgs]. As TDIC e o/no ensino presencial. In: OLIVEIRA, D. N. da S.; MELO, C. G. da S.; LIMA, C. R. F. **O USO DAS TDIC NA EDUCAÇÃO BÁSICA**: perspectivas de docentes acerca do seu uso em sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 109-124.

GOMES, J. A. C.; PONTES, V. M. de A. [Orgs]. As TDIC e o/no ensino presencial. In: SOUZA, A. A. N.; SOUZA, A. S. N. **IMBRICAMENTO SOCIEDADE DIGITAL, TDIC E ESCOLA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 93-108.

GUIN, Ursula K. Le. **Aqueles que abandonam Omelas**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

LIMA, P. G. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3, p. 63-81, 2014.

MENDES, M. F. . Memoriais de formação: narrar-se professor a partir dos saberes cotidianos. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2011, Curitiba. **EDUCERE**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 3956-3966.

LOPES, C. E. O ensino da estatística e da probabilidade na educação básica e a formação dos professores. **Cadernos Cedes**, v. 28, n. 74, p. 57-73, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, p. 147-156, 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>> Acesso em: 22 jun 2021.

PRAÇA, F. S. G. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos**, v. 8, n. 1, p. 72-87, 2015.

SCHRAM, S. C.; CARVALHO, M. A. B. **O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE**: Para uma pedagogia de mudanças (sem inf. ano). Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>> Acesso em:
17. dez 2020.